

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

TÂMARA REGINA REIS SALES

**O *ALMANAQUE DO BOM HOMEM RICARDO*: PRÁTICAS EDUCACIONAIS
NORTE-AMERICANAS E SUA CIRCULAÇÃO NO BRASIL OITOCENTISTA**

ARACAJU - 2014

**O ALMANAQUE DO BOM HOMEM RICARDO: PRÁTICAS EDUCACIONAIS
NORTE-AMERICANAS E SUA CIRCULAÇÃO NO BRASIL OITOCENTISTA**

TÂMARA REGINA REIS SALES

Dissertação apresentada como pré-requisito
parcial para obtenção do título de Mestre no
Programa de Pós-Graduação em Educação
na linha Educação e Formação Docente -
Universidade Tiradentes.

Prof.^a Dr.^a ESTER FRAGA VILAS-BÔAS CARVALHO DO NASCIMENTO

ARACAJU – 2014

**O ALMANAQUE DO BOM HOMEM RICARDO: PRÁTICAS EDUCACIONAIS
NORTE-AMERICANAS E SUA CIRCULAÇÃO NO BRASIL OITOCENTISTA**

TÂMARA REGINA REIS SALES

Dissertação apresentada como pré-requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha Educação e Formação Docente - Universidade Tiradentes.

APROVADA EM: 13/02/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento (Orientadora)

Prof. Dr. Luiz Eduardo Meneses de Oliveira (Membro Externo da Banca)

Prof.^a Dr.^a Ilka Miglio de Mesquita (Membro Interno da Banca)

Prof. Dr. Cristiano de Jesus Ferronato (Membro Suplente da Banca)

ARACAJU – 2014

S163a Sales, Tâmara Regina Reis

O Almanaque do Bom Homem Ricardo: práticas educacionais norte-americanas e sua circulação no Brasil oitocentista. / Tâmara Regina Reis Sales; Orientadora: Dr.^a Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento. – Aracaju, 2014.

80 p. : il.

Inclui bibliografia.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes – (UNIT)

1.História da educação. 2.Impressos. 3. Práticas educacionais. I. Nascimento, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do (orient.). II. Universidade Tiradentes. III. Título.

CDU:371.133:371.4Ricardo

À minha mãe, Vera Gois,
pelo amor inigualável.

À Prof.^a Dr.^a Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento,
pela oportunidade e confiança.

"Fale, e eu esquecerei; Ensine-me, e eu poderei lembrar; Envolva-me, e eu aprenderei."

Benjamin Franklin

AGRADECIMENTOS

Ainda na graduação, no ano de 2011, ao concluir o curso de Matemática Licenciatura na Universidade Tiradentes, em Aracaju/SE, finalizei o convite para a formatura com a seguinte frase: “Estou dando um pequeno passo de uma longa jornada, que é a vida!”. Eis, nesse momento, mais um passo dado.

Agradeço inicialmente a Deus, por me ofertar o dom da vida, pela coragem que não deixa faltar em mim, pela força que me dá e por nunca me deixar desistir. Sem ti, Senhor, nenhuma destas conquistas seria alcançada.

Ao ler um dos textos da pesquisadora Carlota Boto, um trecho do seu escrito me chamou a atenção. Ainda na introdução, a autora afirma que “a profissão acadêmica é, em si, profundamente solitária. Ao escrever um texto, sentimo-nos, por vezes, a dialogar com os mortos. Talvez por isso, a presença dos amigos e familiares seja tão importante” (BOTO, 1996, p. 19). Essa passagem descreve em palavras o que eu senti.

Agradeço imensamente ao meu bem mais precioso, minha mãe, Vera Gois, pelo amor incondicional, pela confiança, apoio, carinho e incentivo. A sua perseverança e luta mostram o quanto é forte e me dão força e conforto para acreditar que o melhor sempre está por vir. Amo-te!

À minha irmã, Thuany Sales, pela companhia em todas as horas, pelos conselhos que sempre me dera, por me aturar nos momentos de estresse, e até mesmo pelos momentos em que a paciência se esgotou. Obrigada por tudo, Flor!

À avó Risoleta Gois e à querida tia Lusía Gois, por acompanharem cada passo dado em minha vida, demonstrando sempre felicidade e orgulho a cada conquista. Agradeço também à madrinha Clara Maria, pelo carinho, atenção e cuidado. Vocês são especiais em minha vida!

À tia Jó, Fernando e aos meus primos Fernandinho e Rayan, por sempre torcerem por mim e mostrarem orgulho a cada conquista.

Ao namorado, companheiro e amigo, Allan Dias, pelos momentos tristes, de medo, apreensão, angústia, e acima de tudo felizes, por estar sempre ao meu lado, me dando o seu apoio e carinho. Obrigada por tudo, Amor!

Serei eternamente grata à professora Dr.^a Ester Nascimento, mulher que tanto admiro e que depositou tamanha confiança em mim, fazendo-me acreditar que sou capaz de realizar feitos que eu não imaginava alcançar. Obrigada por me tornar um ser humano melhor! Tenho certeza que ainda aprenderei muito contigo.

Aos historiadores que fizeram parte da banca examinadora deste trabalho, Dr.^a Ilka Miglio e Dr. Luiz Eduardo. Obrigada pelas brilhantes contribuições que só enriqueceram o meu texto e me trouxeram aprendizado.

Ao Felipe Melo, pela brilhante tradução do meu objeto de pesquisa, este foi o feito inicial para a construção desta dissertação. Lipe, obrigada por me auxiliar nos primeiros passos deste árduo trabalho.

Ao tio Gerson, pelo acolhimento na cidade de São Paulo. Ao primo Jefferson, pelo apoio, paciência e leitura minuciosa dos documentos que pesquisamos juntos no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

À professora Dr.^a Diana Gonçalves Vidal, pelo auxílio na localização de textos referentes ao *Almanaque do Bom homem Ricardo*, no Acervo Digitalizado da Biblioteca Nacional de Portugal.

À amiga Ellen Bonfim (minha querida), que me acompanhou desde a graduação, e com quem concluí o curso de Mestrado em Educação. Obrigada pelos momentos felizes e aqueles em que parecia que nada daria certo, mas tínhamos sempre uma à outra para compartilhar as angústias e dar forças para continuar produzindo. Pelas trocas de conhecimentos nas madrugadas, até o último minuto de escrita do texto.

Ao amigo Marcus Oliveira, que também me acompanhou desde a graduação, e mesmo distante continuou a dialogar comigo. Mesmo com tantas atribuições e mudanças que aconteceram em sua vida, você se mostrou meu amigo. Marquinhos, obrigada por estar ao meu lado nos momentos mais difíceis desta produção, por contribuir de forma significativa à escrita do meu texto, pelas leituras atenciosas e carinhosas, e sugestões dadas.

À amiga Mirianne Almeida, pelos momentos de descontração, risos, carinho e afeto. Pelas leituras críticas ao meu texto, a fim de aperfeiçoar os meus escritos. Por me aturar sempre que precisei desabafar, me dando forças para continuar. Aprendi muito com você Mi, a amizade que construímos nesta difícil etapa será para o resto de nossas vidas.

Aos amigos Klecius, Lília, Marília e Mayanna, que entenderam a minha ausência em alguns momentos e sempre estiveram torcendo por mim, me motivando e acreditando no meu potencial.

Às colegas Nicole Bertinatti (Rabicó) e Priscila Almeida, que acompanharam e dividiram comigo bons momentos ainda na Iniciação Científica.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da Universidade Tiradentes, por todo conhecimento compartilhado, pela paciência e pelo incentivo, e aos colegas de Iniciação Científica e do Mestrado em Educação. Vocês também fazem parte desta formação!

À Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe – FAPITEC/SE e à Universidade Tiradentes - UNIT, pela estrutura e subsídio financeiro, os quais permitiram a minha participação com dedicação exclusiva à pesquisa, divulgação da produção acadêmica, bem como a participação em eventos locais, regionais, nacionais e internacionais.

RESUMO

Na perspectiva da História Cultural, este estudo insere-se na História da Educação, analisando aspectos de representações da cultura norte-americana no Brasil. Para isto, objetiva-se compreender a atuação de Benjamin Franklin no contexto americano oitocentista; verificar os aspectos materiais do livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo*; analisar representações da cultura norte-americana a partir do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* e averiguar as práticas educacionais presentes no livro de Benjamin Franklin que circularam em espaços formais e não formais de Educação, na segunda metade do século XIX. O grande sucesso de Benjamin Franklin como editor foi o *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, publicado a partir de 1732 até o ano de 1757. O exemplar analisado neste estudo refere-se à última publicação. O referencial teórico pauta-se no conceito de cultura (Elias, 1994) e na noção de representação (Chartier, 1990). A pesquisa foi de cunho bibliográfico e documental. Um dos procedimentos metodológicos utilizados foi o método indiciário (Ginzburg, 2007). A investigação foi norteada por indagações que moveram o desenvolvimento do texto, são elas: Como Benjamin Franklin contribuiu para a difusão de saberes e práticas educacionais? Como representações da cultura norte-americana estão presentes no *Almanaque do Bom Homem Ricardo*? De que maneira o livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo* circulou no Brasil na segunda metade do século XIX? A hipótese aqui elaborada e comprovada foi de que o *Almanaque do Bom Homem Ricardo* circulou, além de grupos protestantes, em escolas brasileiras, na segunda metade do século XIX. Com a identificação de mais de 20 anos de circulação do Almanaque no Brasil, em escolas públicas e privadas e, nos variados níveis de ensino, pode-se perceber o quanto essa forma popular de literatura se propagou. Além disso, a grande tiragem de exemplares impressos e postos em circulação nos revela o quanto essa obra foi difundida no território do Brasil, deixando um legado da sua importância para a sociedade brasileira.

Palavras-chave: História da Educação, Impresso, Representação, Benjamin Franklin, *Almanaque do Bom Homem Ricardo*.

ABSTRACT

In the cultural history perspective, this study falls in the history of education, analyzing aspects of representations of American culture in Brazil. For this it aims to understand the role of Benjamin Franklin in the 19th century American context; check the material aspects of the book *Poor Richard's Almanac*; analyze representations of American culture from the *Poor Richard's Almanac* and ascertain educational practices present in the book of Benjamin Franklin that circulated in formal and non-formal spaces for education, in the second half of the 19th century. The great success of Benjamin Franklin as an editor was the *Poor Richard's Almanac*, published from 1732 until 1757. The specimen examined in this study refers to the last publication. The theoretical agenda is based on the concept of culture (Elias, 1994) and in the notion of representation (Chartier, 1990). The survey was of bibliographic and documentary slant. One of the methodological procedures used was inductive method (Ginzburg, 2007). The investigation was guided by questions that moved the development of text, they are: How did Benjamin Franklin contribute to the diffusion of knowledge and educational practice? How are representations of American culture present in *Poor Richard's Almanac*? How was *Poor Richard's Almanac* spread in Brazil in the second half of the 19th century? The hypothesis here elaborated and proven was that *Poor Richard's Almanac* was spread, in addition to Protestant groups, in Brazilian schools in the second half of the 19th century. Identified by more than 20 years of circulation of the *Almanac* in Brazil, in public and private schools, and in various teaching levels, you can realize how much this popular form of literature has spread. In addition, the large circulation of copies printed and put into circulation reveals how this work was widespread in Brazil's territory, leaving a legacy of its importance to the Brazilian society.

Keywords: History of Education, Printed Materials, Representation, Benjamin Franklin, *Poor Richard's Almanac*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1. BENJAMIN FRANKLIN E O ALMANAQUE DO BOM HOMEM RICARDO NO CONTEXTO AMERICANO OITOCENTISTA.....	25
1.1 Composição de Si: aspectos biográficos do <i>philosophe</i> norte-americano Benjamin Franklin.....	26
1.2 Na Luta pela Composição do “Outro”: Benjamin Franklin e a Independência Norte-Americana.....	39
1.3 Aspectos Materiais do <i>Almanaque do Bom Homem Ricardo</i>	44
CAPÍTULO 2. REPRESENTAÇÕES DA CULTURA NORTE-AMERICANA NO ALMANAQUE DO BOM HOMEM RICARDO E A SUA CIRCULAÇÃO NO BRASIL.....	49
2.1 O <i>Almanaque do Bom Homem Ricardo</i> e Representações da Cultura Norte-Americana.....	50
2.2 Mapeamento da Circulação do <i>Almanaque do Bom Homem Ricardo</i> no Brasil....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS.....	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Princípios da cultura norte-americana e virtudes elencadas por Benjamin Franklin.....	57
Quadro 2. Virtudes encontradas no <i>Almanaque do Bom Homem Ricardo</i>	59
Quadro 3. Mapeamento dos locais, ano e quantidade de exemplares de circulação do <i>Almanaque do Bom Homem Ricardo</i>	67

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fotografia de Benjamin Franklin.....	28
Figura 2. Mapa das 13 colônias inglesas, 1776.....	42
Figura 3. Segunda capa da obra “A Sciencia do Bom Homem Ricardo ou Meios de fazer Fortuna”	46
Figura 4. Segunda capa da obra “A Sciencia do Bom Homem Ricardo ou Meios de fazer Fortuna”	47

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Elementos da cultura norte-americana e o Almanaque.....	56
--	----

INTRODUÇÃO

Fundamentada na História Cultural, esta investigação¹ insere-se na História da Educação, analisando aspectos de representações da cultura² norte-americana no Brasil, a partir do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*³, de autoria de Benjamin Franklin. Para isto, tracei como objetivos específicos: compreender a atuação de Benjamin Franklin no contexto americano oitocentista; verificar os aspectos materiais do livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo*; analisar representações da cultura norte-americana a partir do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* e, verificar as práticas educacionais presentes no livro de Benjamin Franklin que circularam em espaços formais e não formais de Educação.

Procurei, portanto, compreender o livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo* como um objeto cultural, por ser uma fonte para a História da Educação e de divulgação de práticas educacionais que caracterizaram o comportamento da sociedade norte-americana num determinado contexto e época. De acordo com Circe Bittencourt (2008), um livro é:

Proposto, em geral, para cimentar a uniformidade de pensamento, divulgar determinadas crenças, inculcar normas, regras de procedimento e valores; o livro pode também criar as diferenças porque a leitura que se faz nele ou dele nunca é única. A leitura de um livro é ato contraditório, e estudar seu uso é fundamental para o historiador compreender a dimensão desse objeto cultural (BITTENCOURT, 2008, p. 5).

Os livros são importantes meios de disseminação de ideias, crenças e valores de uma população, a qual o produziu. Nesse sentido, acredito que este trabalho está inserido na corrente historiográfica da História Cultural, pelo fato dessa corrente ter como principal objeto “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16). Uma das suas principais características é expandir o conhecimento sobre as diversificadas fontes, as quais poderão ser utilizadas como fontes históricas. De acordo com Ester Nascimento, “o aporte teórico da História Cultural tem possibilitado aos pesquisadores da área a ampliação de seus horizontes

¹Esta investigação foi desenvolvida com o subsídio da Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe – FAPITEC/SE.

²Vale ressaltar que não me refiro neste texto a uma cultura própria, já que a cultura é aqui compreendida como algo que circula, que pertence a todos os sujeitos e todos os lugares. Neste contexto, é destacada a luta pela construção do ideário da cultura norte-americana e suas representações no Brasil.

³ Vale ressaltar que o livro que tenho em mãos e me propus a investigar é intitulado “Almanaque do Pobre Ricardo”. Porém, a maioria dos textos referentes ao Almanaque e os exemplares que circularam no Brasil, na segunda metade do século XIX, e em outros países, foram intitulados como o “Bom homem Ricardo”. Por este motivo, utilizarei este título.

de investigação, buscando novos objetos, incorporando fontes diversificadas [...]” (NASCIMENTO, 2011, p. 235).

Ao ampliar meus horizontes, buscando mais fontes que possibilitassem a realização desta investigação, lembro-me do início das minhas caminhadas, as quais foram me motivando para a escrita desta Dissertação. Recordo-me que, quando criança, ao brincar de “escola” nos corredores do condomínio onde resido, com os meus amigos de infância, eu sempre fazia o papel de professora e os demais eram os alunos. Quando este papel era exercido por outra pessoa, eu me recusava a participar da brincadeira. E assim cresci com este sonho, inicialmente de ser professora, de transmitir conhecimento aos alunos.

Ao prestar vestibular, ainda não sabendo qual curso de licenciatura escolher, iniciei o curso de Física Licenciatura na Universidade Federal de Sergipe, no ano de 2007. Porém, no decorrer deste, percebi que não era ainda o que eu almejava, pois gostaria de transmitir conhecimentos não apenas para adolescentes ou adultos, mas também, e principalmente, para crianças, e assim o fiz. Abandonei o curso de Física e prestei vestibular novamente. Nessa trajetória, dei início ao curso de Matemática Licenciatura na Universidade Tiradentes, em Aracaju.

Nessa nova etapa, ainda em 2009, encantei-me pelo curso e conheci o real ofício do educador, anteriormente chamado de professor, que não se restringe à transmissão de conhecimentos. Compreendo a ação docente como um diálogo, ou seja, uma via de mão dupla inerente ao processo de ensino-aprendizagem. Assim, ao cursar a disciplina Pesquisa I, no curso de graduação em Matemática, com a Prof.^a Dr.^a Ester Nascimento, esta apresentou à turma a trajetória e os passos iniciais de uma pesquisa, o que me encantou, fazendo-me ampliar os horizontes e perceber a importância que tem um pesquisador na área educacional. Ofereci-me, então, para participar como aluna voluntária de Iniciação Científica em seu projeto de pesquisa. A partir do diálogo estabelecido entre nós, iniciei a minha carreira na área da pesquisa histórica.

Para tal investigação, o que me causou inquietação foi a realização de dois projetos desenvolvidos ainda na graduação, no Programa de Iniciação Científica da Universidade Tiradentes, do qual participei como bolsista PIBIC do Programa de Iniciação Científica financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe (FAPITEC/SE) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), durante os anos de 2009, 2010 e 2011. Os dois projetos desenvolvidos, intitulados “Fontes para a História da Educação: documentos da missão presbiteriana norte-americana no Brasil” (2009-2010) e “Livros e leitores: a biblioteca de Vicente Themudo Lessa” (2010-

2011), foram originados do projeto⁴ guarda-chuva coordenado pela Prof.^a Dr.^a Ester Nascimento. A minha participação no desenvolvimento das investigações na Iniciação Científica permitiu-me notar em ambas as pesquisas, de 2009 e 2010, a importância e a forma como os impressos protestantes e outros impressos circularam no Brasil durante o século XIX, oferecendo subsídio para a execução do presente projeto, já que versa sobre educação, impressos, história do livro e da leitura, além de permitir uma apreensão global da imprensa protestante e sua relação com a História da Educação.

Prosseguindo com o presente projeto, as leituras e debates realizados no Grupo de Pesquisa História das Práticas Educacionais – GPHPE, coordenado pela mesma professora, têm contribuído para continuar investigando no campo historiográfico educacional. O grupo propicia a realização de leituras e debates com professores, discentes do programa do Mestrado em Educação e da Iniciação Científica, bem como pesquisadores externos que participam das reuniões.

Por sua vez, em relação ao contexto do século XVIII, Benjamin Franklin perpassou por acontecimentos que merecem destaque, dentre eles, o foco principal deste trabalho é a obra escrita por ele, o *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, já que através deste livro ele representou a cultura do grupo social ao qual esteve inserido. O referencial teórico desse estudo pauta-se no conceito de cultura do sociólogo alemão Norbert Elias (1994), e na noção de representação do historiador francês Roger Chartier (1990), auxiliando na interpretação e entendimento da presença de representações da cultura norte-americana através do objeto aqui investigado.

Esta pesquisa suscita algumas questões: Como Benjamin Franklin contribuiu para a difusão de saberes e práticas educacionais? Como representações da cultura norte-americana estão presentes no *Almanaque do Bom Homem Ricardo*? De que maneira o livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo* circulou no Brasil na segunda metade do século XIX? Buscar responder a essas e outras inquietações no decorrer da pesquisa permitiu compreender mais a História da Educação brasileira e sua relação com outras culturas, como a cultura norte-americana.

Dentre os autores que versam sobre a História do Livro, dialoguei com os estudos de Robert Darnton (2010). A História do Livro vem interessando pesquisadores de diversas áreas do conhecimento. Para o historiador americano Robert Darnton, a História do Livro,

⁴ O projeto coordenado por Ester Nascimento intitula-se “Rede Brasil, Portugal e Inglaterra: circulação de impressos protestantes e outros impressos educacionais durante a segunda metade dos Oitocentos” (2006) e, até o momento, encontra-se em desenvolvimento.

[...] vem sendo reconhecida como uma importante nova disciplina. Poderia até ser chamada de história social e cultural da comunicação impressa se essa definição não fosse tão extensa, pois sua finalidade é compreender como as ideias foram transmitidas sob forma impressa e como a exposição à palavra impressa afetou o pensamento e a conduta da humanidade nos últimos quinhentos anos (DARNTON, 2010, p. 189-190).

Ainda de acordo com Robert Darnton (2010), os livros impressos devem ser então compreendidos e analisados desde o seu autor ao leitor, considerando que as condições variam de acordo com o local em que foi escrito, a época e a circulação da obra. É assim que o livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo* será entendido, desde os aspectos pertinentes da vida do autor ao seu público leitor.

Segundo Ester Nascimento (2007a), quando nos referimos aos impressos,

[...] estamos nos reportando às suas distintas formas materiais, à produção do sentido e às práticas de leitura. Tratamos do mundo do texto e do mundo do leitor; da ordem dos livros e da ordem dos discursos; de formas e sentidos. Todos esses termos reportam-se à produção material dos impressos, ou seja, dos seus suportes, do objeto escrito, até a apropriação da mensagem contida neles. O livro sempre procurou estabelecer uma ordem, seja na sua decifração ou pela autoridade de quem o encomendou ou permitiu sua publicação (NASCIMENTO, 2007a, p. 6).

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico e documental, e tem como marco temporal a segunda metade do século XIX, o qual obteve importância exercida pela criação de bibliotecas. Ainda neste período, o livro adquiriu um significado relevante na educação, na formação cultural e moral. Há também a hipótese de ser este o período em que o livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo* circulou entre grupos protestantes e em escolas brasileiras. Esta hipótese se dá através de indícios, já que Kidder e Fletcher (2003), missionários norte-americanos, criticaram a falta de livros escolares produzidos no Brasil e adaptados às condições locais, o que era, para eles, um fator que impedia o progresso da educação. Passaram, então, a editar livros e folhetos e despachar para igrejas, bibliotecas e colégios.

Segundo Elomar Tambara (2002, p. 27), “a arte de impressão é de cunho relativamente tardio no Brasil. Os cuidados mercantis com que a metrópole se cercava em relação às colônias inibiram por muitos séculos o aparecimento da arte tipográfica no Brasil”.

Com a perspectiva de uma vida de progresso e democracia, os ideais norte-americanos tornaram-se um “espelho” para o Brasil e, através de uma obra escrita com princípios norte-

americanos, como é o caso do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, as representações dessa cultura foram difundidas em nosso país. Nesse sentido, esta investigação está embasada do conceito de cultura do sociólogo alemão Norbert Elias (2004). O autor compreende a cultura como tudo aquilo que distancia o homem da natureza. A cultura diz respeito às práticas sociais, as quais são fundamentalmente civilizatórias, abrangendo os âmbitos educacional, econômico, religioso, artístico, político, moral e técnico.

Ainda a respeito do termo cultura, enxergo-a, nesta investigação, como um processo, algo que é construído. Com base nos escritos de Stuart Hall (2003, p. 44), “[...] a cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma ‘arqueologia’. A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu ‘trabalho produtivo’”.

Para tanto, foi feito um levantamento bibliográfico e o desenvolvimento de leituras que se fizeram necessárias para auxiliar na escrita desta dissertação. Foi realizada a tradução do livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, cujo formato é de bolso, contendo 132 páginas escritas em inglês. A análise do Almanaque foi feita observando-o como livro didático que circulou em escolas brasileiras na segunda metade do século XIX. Sendo didático, então,

[...] o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. [...] Assim, para ser considerado didático, um livro precisa ser usado, de forma sistemática, no ensino-aprendizagem de um determinado objeto do conhecimento humano, geralmente já consolidado como disciplina escolar. Além disso, o livro didático caracteriza-se ainda por ser passível de uso na situação específica da escola, isto é, de aprendizado coletivo e orientado por um professor (LAJOLO, 1996, p. 4-5).

Desta forma, analiso o *Almanaque do Bom Homem Ricardo* como um material utilizado para educar determinados grupos na sociedade, buscando indícios para evidenciá-lo como utensílio de propagação de práticas educacionais. Tais práticas passaram a ser valorizadas no Brasil dos Oitocentos, e o modelo norte-americano tornou-se referência no campo educacional brasileiro. As ideias de riqueza, progresso, frugalidade, valorizaram a cultura norte-americana e foram imbuídas no cenário educacional brasileiro por meio de instituições como escolas e igrejas protestantes. Além destas, foram construídos hospitais, já que o projeto civilizador proposto por protestantes norte-americanos compreendia a educação, religião e saúde.

Esta análise se deu, inicialmente, através dos aspectos materiais do livro. Observar tais aspectos do impresso,

[...] exige do pesquisador um olhar atento para as condições sociais que possibilitaram a sua produção e para as inovações propostas na estrutura física e na função dos livros didáticos, o que reflete as mudanças ocorridas na sociedade e os novos modos de vida social (SANTOS, 2004, p. 58).

Além disso, fiz um levantamento de documentação no Arquivo Público do Estado de São Paulo referente aos relatórios de professores e relatórios de Instrução Pública, e a relação de livros didáticos que circularam nas escolas públicas e privadas na segunda metade do século XIX, a fim de evidenciar a utilização do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* na educação de paulistas.

São muitos os pontos de vista pelos quais o livro tido como didático pode ser analisado, dentre eles pode-se verificar aspectos linguísticos, metodológicos, ideológicos. Segundo Circe Bittencourt (2004, p. 302) “o livro didático precisa [...] ser entendido como *veículo de um sistema de valores*, de ideologias, de uma cultura de determinada época e de determinada sociedade”. É então sob o ponto de vista ideológico que o livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo* será analisado, através das ideias e visões de mundo de Benjamin Franklin, dirigido para suas ações sociais, buscando verificar o motivo da importância desta obra, já que o almanaque era considerado o material de leitura mais popular depois da Bíblia.

É importante destacar como o livro era transportado, como chegavam às escolas e o quanto o navio mercante e a estrada de ferro foram pontes para estabelecer os negócios nas áreas distantes. De acordo com Robert Darnton,

Antes do século XIX, os livros geralmente eram enviados em folhas soltas, sem encadernação, possibilitando ao comprador encaderná-lo de acordo com suas posses e gosto. Eles eram transportados em grandes fardos embrulhados em bastante papel e, muitas vezes, sofriam estragos com as intempéries e o atrito das cordas. Portanto, frequentemente a expedição era responsável por uma larga parcela do custo total do livro e ocupava um grande espaço na estratégia de *marketing* dos editores (DARNTON, 1990, p. 125).

Manuscritos ou impressos, os livros também são “objetos cujas formas comandam, se não a imposição de um sentido ao texto que carregam, ao menos os usos de que podem ser investidos e as apropriações às quais são suscetíveis” (CHARTIER, 1996, p. 8).

Em relação ao referencial metodológico, um dos procedimentos que foram utilizados na realização desta pesquisa foi o método indiciário elaborado pelo historiador italiano Carlo Ginzburg (1989) para auxiliar no desvelamento de práticas culturais. Para Ginzburg (1989, p. 179), ninguém aprende o ofício do historiador limitando-se a pôr em prática regras preexistentes. Nesse tipo de conhecimento, entram em jogo elementos imponderáveis: faro,

golpe de vista, intuição, pistas, sinais, indícios. Nesse sentido, “Nenhuma narração pode se sustentar sem indícios ou sintomas” (GINZBURG, 1979, p. 149). Contudo, faço uso deste método para compreender e interpretar de maneira mais clara o impresso analisado nesta investigação. A escolha desse objeto de pesquisa se justifica pela carência da realização de estudos sobre livros protestantes, manuscritos e impressos, na historiografia educacional brasileira.

Por sua vez, alguns pesquisadores têm se dedicado a investigar sobre a atuação de intelectuais numa determinada sociedade, dentre eles, referencio a dissertação de Ana Maria Brito Sanches (2006) intitulada “Virtude, trabalho e riqueza. A concepção de sociedade civil em Benjamin Franklin”. Esta investigação objetivou examinar “a concepção de sociedade civil no pensamento social e político de Benjamin Franklin, cujas ideias exerceram grande influência na formação da mentalidade do homem do Novo Mundo” (SANCHES, 2006, p. 7). A autora pesquisa os fundamentos do modelo de sociedade imaginada por Benjamin Franklin, evidenciando os pilares da liberdade e igualdade, e ainda analisa como o norte-americano tentou resolver os problemas de desigualdade social.

Ao realizar um estudo biográfico, dialoguei com os estudos da historiadora Vavy Pacheco Borges, a qual desenvolve uma pesquisa sobre biografia no texto intitulado *Grandezas e misérias da biografia* (2006). Segundo a autora,

Ao narrar os acontecimentos de uma vida, seja em um verbete para uma enciclopédia, seja em uma biografia do tipo “mergulho na alma”, os fatos passam por uma seleção permanente, pois não há outra forma para narrar uma vida a não ser selecionando o que nos parecer significativo. Essa escolha (que um teórico chamou de “faxina”, pois é o descarte de um “lixo” indesejado) já é uma certa forma de interpretação, ou seja, uma atribuição de sentido (BORGES, 2006, p. 220-221).

Ainda na perspectiva biográfica, num estudo realizado pela pesquisadora Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas (2006), cujo título é *A produção dos estudos biográficos em Sergipe e as principais contribuições para a História da Educação*, a autora afirma que:

A abordagem biográfica não favorece a generalização dos resultados pesquisados, mas permite a percepção profunda dos processos formativos aproximados de uma geração, ou categoria profissional. Assim, ao reconstruir e interpretar as trajetórias, são destacados elementos comuns e distintos do processo de socialização familiar, assim como, cada um a seu modo, de perspectiva de acesso a posições privilegiadas nos espaços públicos (FREITAS, 2006, p. 148-149).

Para compreender a trajetória de Benjamin Franklin e o que de mais revolucionário aconteceu durante a sua atuação, faço menção ao estudo do historiador norte-americano Ray Raphael, o qual escreveu uma obra intitulada *Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos. A verdadeira história da Independência Norte-Americana* (2006). Tal livro me auxiliou a enxergar a participação dos sujeitos das mais distintas classes sociais na Revolução Norte-Americana.

O historiador inglês Edward Palmer Thompson defende a teoria como o caminho embasador da pesquisa histórica e enfatiza a intencionalidade das fontes. O historiador não pode ser ingênuo e acreditar no que vê, para fazer história é necessário indagar as fontes. “Os fatos não podem ‘falar’ enquanto não tiverem sido interrogados” (THOMPSON, 1981, p. 40). Desta forma, analisei e interpretei o impresso nas entrelinhas, observando o que, na maioria das vezes, fica obscuro ao leitor, sendo esta a dificuldade enfrentada pelos pesquisadores.

Essas dificuldades são imensas. Mas as dificuldades se multiplicam muitas vezes quando examinamos não um fato ou conceito, mas aqueles acontecimentos que a maioria dos historiadores considera como centrais para seu estudo: o ‘processo’ histórico (THOMPSON, 1981, p. 28).

Entender o processo histórico é buscar, através das pistas e dos indícios, perceber como os homens e mulheres agem e pensam em uma determinada época, sociedade e dentro de determinadas condições, sendo tais ações e pensamentos transmitidos, nas entrelinhas, pelo autor na escrita da obra. Neste caso, a forma de pensar e agir do norte-americano Benjamin Franklin, através da análise do impresso que me propus investigar, o *Almanaque do Bom Homem Ricardo*.

Esta dissertação é composta por dois capítulos. Com objetivos específicos para cada um deles, a narrativa por inteiro pretende evidenciar a forte presença de representações da cultura norte-americana no Brasil.

No primeiro capítulo, intitulado “Benjamin Franklin e o *Almanaque do Bom Homem Ricardo* no contexto americano oitocentista”, apresento a trajetória de vida e alguns feitos particulares e públicos do filósofo Benjamin Franklin, em particular o seu livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, o qual elucida alguns aspectos materiais e introdutórios. Benjamin Franklin perpassou por diversos estágios de uma tipografia, tais como auxiliar de tipógrafo, tipógrafo, editor e escritor; estabeleceu a Universidade da Pensilvânia e fundou um hospital na Filadélfia. A intenção desse capítulo é expor o panorama social em que este homem viveu, no cenário de conflitos e revoluções em seu país, buscando compreender que tais ações

influenciaram de forma (in)direta na sua forma de pensar, agir e enxergar a sociedade da época. Assim, o capítulo norteia-se nos seguintes tópicos: A Composição de Si: aspectos biográficos do *philosophe* norte-americano Benjamin Franklin; Na Luta pela Composição do “Outro”: Benjamin Franklin e a Independência Norte-Americana; Aspectos Materiais do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*.

No segundo capítulo, intitulado “Representações da cultura norte-americana no *Almanaque do Bom Homem Ricardo* e a sua circulação no Brasil”, realizo a análise do objeto de pesquisa, olhando e interpretando-o internamente, observando para além dos seus aspectos físicos. Nesse capítulo, pretendi realizar uma análise dos conteúdos abordados, bem como mapear a presença deste livro em bibliotecas e em escolas brasileiras, em espaços formais e não formais de educação, durante a segunda metade do século XIX, a fim de evidenciar a forte presença de representações da cultura norte-americana no Brasil. Desta forma, o capítulo está dividido em dois itens: O *Almanaque do Bom Homem Ricardo* e Representações da Cultura Norte-Americana; Mapeamento da Circulação do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* no Brasil.

CAPÍTULO 1 – BENJAMIN FRANKLIN E O ALMANAQUE DO BOM HOMEM RICARDO NO CONTEXTO AMERICANO OITOCENTISTA

Para iniciar o capítulo, cabe indagar: como se investiga a vida de um sujeito? Segundo a historiadora Vavy Pacheco Borges (2006, p. 212), investiga-se “por intermédio das ‘vozes’ que nos chegam do passado, dos fragmentos de sua existência que ficaram registrados, ou seja, por meio das chamadas fontes documentais”. A composição das fontes constrói a história, “como ‘sem documentos não há História’”, os indícios e resquícios deixados limitam a pretensão de investigação. De acordo com a concepção e esquematização de Vavy Borges (2006), os acontecimentos que discorrerei formam o “artigo de dicionário biográfico”, sendo este “um breve resumo da vida de uma pessoa pública, por vezes famosa” (BORGES, 2006, p. 213). Para descrever a trajetória de um sujeito:

[...] os fatos passam por uma seleção permanente, pois não há outra forma para narrar uma vida a não ser selecionando o que nos parece significativo. Essa escolha [...] já é uma certa forma de interpretação, ou seja, uma atribuição de sentido (BORGES, 2006, p. 220-221).

Compreender a respeito da vida e atuação de um determinado indivíduo e como ela influenciou a cultura de certo país é uma tarefa relevante para os pesquisadores em História da Educação e é o objetivo desse capítulo. Pretendo aqui pensar a atuação de Benjamin Franklin a partir dos seus feitos particulares e públicos, por onde passou, evidenciando o livro de sua autoria, *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, bem como a sua atuação na Revolução Norte-Americana.

Os americanos são um povo muito antigo e muito esclarecido que encontrou um país novo e imenso no qual pôde espriar-se à vontade e que fecunda sem dificuldade. [...] Na América, cada um encontra, pois, facilidades desconhecidas em outras partes para fazer sua fortuna ou aumentá-la (TOCQUEVILLE, 2000, p. 41).

Desta forma, é importante conhecer a trajetória de Benjamin Franklin no contexto norte-americano do século XVIII, porém não anulando os outros sujeitos, a fim de compreender e interpretar de que forma este homem contribuiu para a população norte-americana, através dos seus feitos e dos documentos escritos deixados, essencialmente o *Almanaque do Bom Homem Ricardo*.

Segundo Ester Nascimento (2011a),

Mesmo sabendo que o documento é o resultado da construção de uma realidade elaborada por homens, estes mesmos homens deixam pistas, rastros, traços, pequenas impressões que escapam do seu controle, possibilitando reconstruir conformações/representações culturais que produziram (NASCIMENTO, 2011a, p. 139).

Baseada nisso, procuro identificar princípios culturais e educacionais dos quais Benjamin Franklin se apropriou e difundiu através do seu convívio com a sociedade e dos seus registros aqui analisados. Para a construção dos tópicos a seguir, coube indagar: Quem foi Benjamin Franklin? Como ele contribuiu para a difusão de saberes e conhecimentos úteis? As respostas para estas indagações norteiam este capítulo.

1.1 A Composição de Si: aspectos biográficos do *philosophe* norte-americano Benjamin Franklin

Os feitos realizados por Benjamin Franklin fizeram-no um homem de sucesso na sociedade em que viveu e por onde passou. Nascido em 17 de janeiro de 1706, em Boston, Nova Inglaterra, Franklin é filho de Josiah Franklin e Abiah Folger. Esse norte-americano é o oitavo filho de Abiah e décimo quinto de Josiah. Foi batizado com o nome do tio, a quem seu pai tinha um afeto particular.

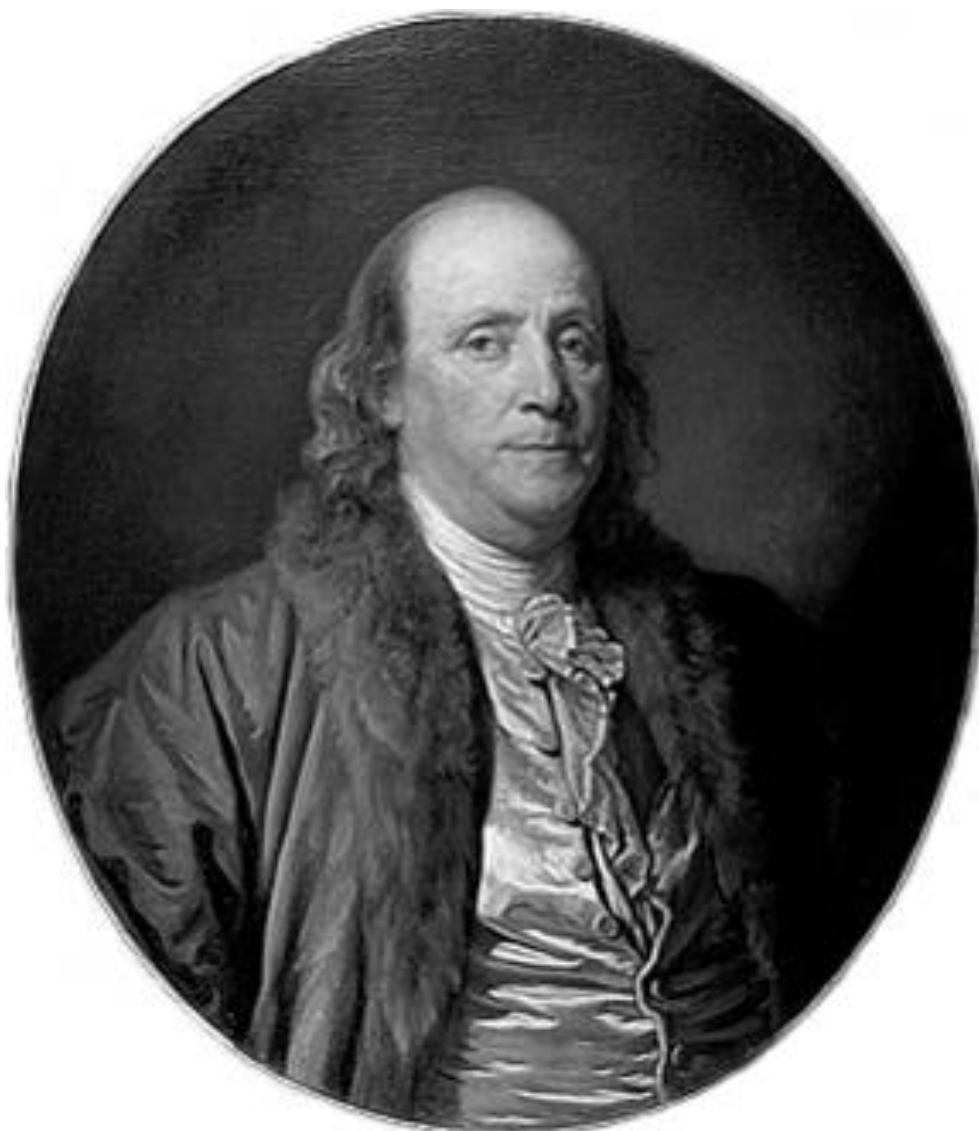
Ingressou à escola aos oito anos de idade, porém possuía uma extraordinária precocidade em aprender a ler. Aos dez anos Benjamin Franklin deixou os estudos e já ajudava seu pai no trabalho de fabricante de velas de sebo e sabão, o que o desagradava. Com uma inclinação para os livros, aos 12 anos, começou a trabalhar como aprendiz do irmão James, que era tipógrafo. Ele afirmou em sua autobiografia, escrita em 1771: “Em pouco tempo alcancei grande competência nesse trabalho e me tornei um braço útil para meu irmão. Tinha agora acesso aos melhores livros” (FRANKLIN, 2005, p. 34). Essa escrita autobiográfica, dedicada ao seu filho, possibilitou pensar que esse norte-americano não queria e não quis ser esquecido pela posteridade, apesar de inacabada e publicada apenas depois da sua morte. Nesta, ele inicia:

Querido filho: Sempre senti prazer em tomar conhecimento de algumas anedotas relativas aos meus antepassados. [...] Imaginando que poderá ser igualmente agradável para ti conhecer as circunstâncias em que vivi, muitas das quais desconheces, e na esperança de me comprazer no ócio ininterrupto de uma semana, durante o meu atual retiro no campo, sento-me à secretária para descrevê-las a ti. Várias outras razões, aliás, me incitam a tomar esta

resolução. Tendo emergido da pobreza e da obscuridade em que nasci e fui criado, atingido uma elevada posição e certo grau de prestígio no mundo, e tendo conquistado tão longínquos objetivos através da vida, sem falar de um considerável quinhão de felicidade, podem os meus pósteros gostar de conhecer as diretrizes que me orientaram e de que fiz uso, as quais, com a graça de Deus, tão grande êxito obtiveram, podendo ainda considerar algumas delas úteis para as suas próprias situações e, consequentemente, dignas de serem aproveitadas (FRANKLIN, 2005, p. 24).

Pressuponho ainda que os homens que viveram durante o século XVIII possuíam a prática de registrar as suas memórias, ou seja, de escrever as suas autobiografias. Além da *Autobiografia* (1791) de Benjamin Franklin, outros homens de prestígio do mundo inteiro, deixaram para a posteridade os seus registros. Exemplo disso está nos escritos do historiador Edward Gibbon, que escreveu, na Inglaterra, sua autobiografia, intitulada “*Memoirs of my life and writings*”, publicada postumamente por sua filha Marie Josephe, em 1795; a autobiografia “*Mémoires*” –1787, escrita pelo dramaturgo italiano Carlo Goldoni, o qual era considerado um dos maiores autores europeus de teatro e um dos escritores italianos mais conhecidos dentro e fora da Itália; e as memórias, “*Les Confession* (1781-1788)”, de Jean-Jacques Rousseau, o suíço considerado um dos principais filósofos do Iluminismo, entre outros.

Figura 1. Benjamin Franklin, 1777.



Fonte: Disponível em: <http://tipografos.net/historia/benjamin-franklin.html>.
Acesso em 4 de julho de 2012, às 10h50min.

Benjamin Franklin perpassou por agitados acontecimentos e mudanças revolucionárias do século XVIII, foi considerado gênio, inventor, poeta, diplomata, político, economista e, nesta investigação, um *philosophe*. De acordo com Robert Darnton (2005, p. 18-19), os *philosophes* “[...] eram homens de letras. Só raramente desenvolveram ideias não sonhadas pelas gerações anteriores. [...] O *philosophe* era um novo tipo social, que hoje conhecemos como intelectual”. Ele objetivava pôr a sua ideia em uso, convencer, disseminar e transformar o mundo, assim como Benjamin Franklin fez através dos seus registros, a exemplo da fonte principal desta investigação. Ainda para o autor,

É certo que os pensadores anteriores também haviam tentado mudar o mundo. [...] Mas os *philosophes* representaram uma nova força na história, homens de letras agindo em conjunto e com autonomia considerável para impor um programa. Eles desenvolveram uma identidade coletiva, forjada pelo compromisso comum em face dos riscos comuns (DARNTON, 2005, p. 19).

As ideias dos *philosophes* do século XVIII eram, segundo Robert Darnton (2005), *idées-forces*, como liberdade, felicidade e leis naturais. Essas ideias, de acordo com o autor, “pertenciam ao acervo comum de conceitos acessíveis às classes instruídas de todos os lugares” (DARNTON, 2005, p. 22). Estas foram almejadas pelos intelectuais, particularmente os norte-americanos e, posteriormente, passaram a caracterizar a cultura norte-americana. Pensar tal cultura é pensar em práticas estabelecidas e apreendidas socialmente. Acentua as diferenças entre os homens, as características que são próprias a cada grupo social.

Em relação a Benjamin Franklin, segundo Rone Amorim (1950),

Franklin conheceu, talvez mais do que qualquer outro homem de sua época, todos os níveis e todas as condições de fortuna. Partindo de simples aprendiz de tipógrafo, galgou todos os degraus da escala social, atingindo extraordinária projeção na política e na diplomacia, como membro da Assembleia Colonial, agente das províncias da Inglaterra, embaixador na França e membro das Convenções que coroaram o consistente trabalho de toda a sua longa existência. Foi um dos cinco americanos que redigiram a Declaração da Independência de seu país, em 1776. Viveu dezesseis anos em Londres e nove em Paris, mantendo relações pessoais ou epistolares com os homens mais eminentes de seu tempo nas letras, nas ciências e na política. [...] Além de político e diplomata dos mais hábeis que o seu país já possuiu, era inventor e filantropo. Quando havia necessidade, inventava um fogão, fundava um hospital, criava uma universidade, planejava a fundação de um polícia metropolitana ou de um corpo de bombeiro (AMORIM, 1950, p. 13-14).

Na década de 20 do século XVIII, seu irmão deu início à publicação de um jornal, intitulado *New England Courant*, e ele era responsável por vender tais jornais nas ruas. Inconformado por ainda ser um rapaz e sua família não depositar a confiança desejada, Benjamin Franklin escreveu artigos anônimos para a tipografia do irmão, os quais eram sempre aprovados. Porém, com a publicação de um artigo sobre um assunto político que era ofensivo para a Assembleia, ele e o irmão foram detidos.

Ao conquistar a liberdade, aos 17 anos, Benjamin Franklin viajou para a Filadélfia a procura de emprego com a função de auxiliar de tipógrafo. Destacou-se, então, no seu trabalho de impressão. Posteriormente, em 1724, surpreso com tamanha inteligência, ao ler

uma carta de Franklin, o Governador William escreve uma carta para o seu pai, Josiah Franklin, elogiando-o e recomendando o projeto do seu estabelecimento na Filadélfia como meio para fazer a sua própria fortuna. Ao chegar a Boston e entregar a carta, o seu pai ficou surpreso, porém respondeu agradecendo a gentileza, acreditando que seu filho era muito jovem para merecer tal confiança a ponto de dirigir um negócio que poderia ser tão dispendioso. Ainda assim, permitiu a volta de Franklin à Filadélfia que, ao entregar a resposta do pai ao Governador, este discordou da opinião de Josiah Franklin. Sem o apoio do pai, Benjamin Franklin retornou ao trabalho na tipografia.

Passado alguns anos, Benjamin Franklin se despediu dos amigos e após trocar várias promessas com a Senhora Read, deixou a Filadélfia no navio que partiu rumo a Newcastle. Ele chegou a Londres no dia 24 de dezembro de 1724, onde arranjou emprego imediatamente na oficina de Palmer, famosa tipografia da época. Seu trabalho consistia em compor a edição de “Religião da Natureza”, escrito por William Hide Wollaston, físico e químico inglês. Naquela época ele também escreveu um trabalho metafísico.

O acúmulo de dinheiro e um emprego melhor eram a visão dos grandes homens daquele século. Com Benjamin Franklin não foi diferente. Consolidando tais ideais, ele deixou Palmer para trabalhar numa tipografia maior, emprego que manteve por todo o resto do tempo em que permaneceu em Londres. Nesta nova ocupação, ele trabalhou como impressor e posteriormente foi transferido para uma sala de composição, na qual, pela sua assiduidade e dedicação, passou a ser encarregado de todos os trabalhos prioritários, os quais eram mais bem pagos.

Em 1726, o amigo de Benjamin Franklin, Thomas Denham, informou-lhe que regressaria para a Filadélfia levando grande quantidade de artigos e pensava em abrir uma loja. Propôs a Benjamin Franklin que o acompanhasse e lá trabalhasse como escriturário, tomando conta dos seus livros. Com o desejo de voltar a ver a cidade, ele imediatamente concordou e aceitou o emprego, desembarcando na Filadélfia no dia 11 de outubro do mesmo ano. No ano seguinte, quando acabara de completar 21 anos, ficou doente, teve pleurisia, sofreu muito, resignado a morrer. O seu amigo Thomas Denham também esteve doente e chegou a falecer.

Benjamin Franklin então decidiu voltar a trabalhar com Keimer, mas devido a alguns desentendimentos ele saiu temporariamente do emprego. Sem ter outro trabalho em vista, voltou ao serviço, porém com um plano profissional com o amigo Meredith. O plano deu certo e eles abriram uma nova tipografia, onde passou a trabalhar com uma máquina de imprimir. É perceptível que durante sua trajetória profissional, Franklin perpassou por

diversos estágios de uma tipografia, desde auxiliar, impressor, escritor, até fundar o seu próprio negócio.

Com o negócio de impressão estabelecido na Filadélfia, Benjamin Franklin fundou um clube de aperfeiçoamento recíproco, intitulado *JUNTO*, termo criado por ele, designado do espanhol, que pode significar “unidos”, “um encontro” ou “um conselho”. Os membros que faziam parte do clube eram jovens comerciantes que, segundo Ana Maria Sanches (2006, p. 30), almejavam “intensificar mutuamente suas virtudes pessoais, prosperidade e explorar caminhos para tornar sua cidade um melhor lugar para se viver”. O grupo era composto por Joseph Breintnal, copista de escrituras para notários; Thomas Godfrey, matemático autodidata, muito competente no seu campo e mais tarde inventor do chamado “quadrante de Hadley”; Nicholas Scull, considerado ter sido um dos maiores inspetores gerais da Pensilvânia; William Parsons, sapateiro, mas que, adquirira uma considerável bagagem de conhecimentos matemáticos, também inspetor geral; William Maugridge, marceneiro e hábil mecânico; William Coleman, escriturário comercial; Hugh Meredith, tipógrafo que já trabalhara com Franklin; Stephen Potts, um jovem camponês; George Webb, um acadêmico de Oxford; e Robert Grace, um jovem cavalheiro que possuía alguma fortuna.

O clube existiu por mais de 40 anos, e foi reconhecido como a melhor escola de moral, política e filosofia que existia na Província. As reuniões ocorriam semanalmente, toda sexta-feira, em uma taberna. Com o amadurecimento, no momento em que os planos estavam dando certo, numa das reuniões do clube *JUNTO*, Benjamin Franklin concebeu o seu projeto de caráter público, que consistia em estabelecer, na Filadélfia, uma biblioteca pública. O número de sócios cresceu e o grupo reuniu livros das suas bibliotecas pessoais, organizando assim a primeira biblioteca de empréstimos nas colônias. Tal estabelecimento, segundo Franklin, contribuiria para melhorar a linguagem dos americanos e instruir as classes da sociedade. Era um tipo de “associação voluntária” (TOCQUEVILLE, 2000), que fornecia serviços sociais, de alfabetização. E na América, tais associações “eram instituições que promoviam o serviço público, comercial, industrial, moral e religioso” (NASCIMENTO, 2009, p. 2).

Segundo Sanches (2006, p. 29), o Clube *JUNTO* “[...] viria a se tornar a Sociedade Filosófica Americana. Este foi o primeiro e mais fundamental projeto de autodesenvolvimento cívico na cidade”. A Sociedade Filosófica Americana foi a primeira associação da América. Benjamin Franklin estipulou que, entre os membros que compunham tal associação, existisse sempre um botânico, um químico, um matemático, um geógrafo e um físico. Vale ressaltar que esta Sociedade existe até os dias de hoje, e, de acordo com uma

publicação no site da APS – *American Philosophical Society*⁵, “a APS tem desempenhado um papel importante na vida cultural e intelectual americana há mais de 250 anos”. Além disso, as publicações no Departamento da Sociedade Filosófica Americana continuam a manter a reputação de excelência acadêmica, que teve início com Benjamin Franklin.

O trabalho de Benjamin Franklin era árduo e excessivo, já que a mão de obra era barata. Trabalhar muito era a única maneira de se obter lucro, e este norte-americano relata isto com orgulho:

Se menciono em particular, e sem constrangimento, esta minha aplicação ao trabalho, embora possa parecer que estou fazendo o meu próprio elogio, é para que os meus pósteros que lerem estas páginas, possam apreciar a utilidade desta virtude, verificando as vantagens que dela resultaram para mim, no decurso deste relato (FRANKLIN, 2005, p. 86).

De acordo com o sociólogo alemão Max Weber (2001), baseado nas ideias da sociedade burguesa, o trabalho dignifica o homem e tem como fim a promoção da glória de Deus, princípio este que Benjamin Franklin levava consigo e considerava como uma virtude. Para Weber (2001),

Trabalhar a serviço de uma organização racional para suprir a humanidade de bens materiais certamente sempre representou para o espírito capitalista um dos mais importantes propósitos da vida profissional. Basta, por exemplo, ler os relatos de Franklin, de seus esforços para a melhora dos aspectos cívicos na Filadélfia, para perceber claramente sua óbvia verdade. E a alegria e o orgulho de ter dado emprego para numerosas pessoas, de ter contribuído para o progresso econômico de sua cidade natal, no sentido numérico populacional e de volume de negócios que o capitalismo associa à palavra, fazem parte, obviamente, da satisfação específica e certamente idealista da vida do moderno homem de negócios (WEBER, 2001, p. 32).

Determinado nos feitos que realizava, Benjamin Franklin planejou lançar um jornal, ação que Keimer realizou imediatamente que soube da sua proposta. Porém, sem alcançar êxito, ele vendeu-o para Franklin que, em poucas semanas conseguiu que a maioria da população se tornasse assinante do material. Por volta de 1729, Franklin conseguiu quitar as suas dívidas e prosseguiu nos negócios por conta própria. Ainda no mesmo ano, escreveu e imprimiu um panfleto anônimo, intitulado “A natureza e a necessidade da circulação fiduciária”, tema este que se tornou um projeto e, posteriormente, foi aprovado na Assembleia.

⁵Disponível em: < <http://www.amphilsoc.org/>> Acesso em: 8 de maio de 2013.

No ano seguinte, em 1º de setembro de 1730, Benjamin Franklin casou-se com a Senhora Deborah Read, com quem teve dois filhos, Sarah Franklin Bache e Francis Folger Franklin, além do filho que possuía de um relacionamento anterior, William Franklin. Ele relatou ter a felicidade de casar-se com uma esposa tão disposta ao trabalho e à frugalidade, já que esta o auxiliava, carinhosamente, nos seus negócios. E completou com um provérbio inglês “Aquele que quer prosperar deve pedir ajuda à sua esposa” (FRANKLIN, 2005, p. 105).

Fruto de família protestante, a qual pertenceu durante muito tempo fiel à Igreja da Inglaterra, Benjamin Franklin foi educado como presbiteriano, porém não frequentava as cerimônias religiosas públicas. Ele havia composto uma liturgia para uso particular, ainda em 1728, intitulada “Artigos de fé e atos religiosos”. Resultante das leituras que realizara, aos 20 anos de idade, ele pregava intensamente as virtudes morais, enumerando-as em sua autobiografia. São seus respectivos preceitos:

1. Temperança – Não comer até o embrutecimento nem beber até a embriaguez.
2. Silêncio – Não falar senão do que pode ser benéfico para os outros ou para nós mesmos; e evitar as conversações frívolas.
3. Ordem – Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar; destinar uma hora para cada uma das nossas tarefas.
4. Resolução – Resolver cumprir o que é dever; e cumprir, sem falhar, o que se resolve.
5. Frugalidade – Não fazer despesas senão em benefício próprio ou em benefício de outrem, isto é, não desperdiçar.
6. Aplicação - Não perder tempo; ter sempre entre mãos qualquer trabalho útil; suprimir todas as ações desnecessárias.
7. Sinceridade – Não recorrer a ludíbrios prejudiciais; pensar sem ideia preconcebida e com justiça; e ao falar, fazê-lo de conformidade com este princípio.
8. Justiça – Não prejudicar ninguém fazendo o mal, ou omitindo benefícios que constituem o nosso dever.
9. Moderação – Evitar os extremos, abster-se de guardar ressentimento pelas injúrias, na medida em que as consideramos merecidas.
10. Limpeza – Não tolerar a falta de limpeza no corpo, no vestuário ou na habitação.
11. Tranquilidade – Não se perturbar com insignificâncias nem com acidentes correntes e inevitáveis.
12. Castidade – Usar raramente do prazer da carne e apenas para benefício do organismo, tendo em vista a descendência; jamais até o embrutecimento, ou o debilitamento, ou em prejuízo da própria paz e reputação, ou da paz e da reputação de outrem.
13. Humildade – Imitar Sócrates e Jesus (FRANKLIN, 2005, p. 108-109).

Baseado nessas virtudes, de acordo com os preceitos de Benjamin Franklin, cabe indagar: O que era religião para Benjamin Franklin? A partir de tais ideais, a religião seria

possuir um padrão ético de condutas, o simples prazer de fazer o bem e ser um homem honesto. Para Weber (2001), as atitudes morais de Franklin estavam vinculadas ao utilitarismo. As utilidades das virtudes seria uma revelação divina que conduziria o indivíduo ao caminho da honestidade, aqui entendida como a obediência às regras morais existentes. Segundo Max Weber (2001, p. 20), para Benjamin Franklin, “tais virtudes, assim como as demais, só são virtudes na medida em que são úteis ao indivíduo, e a substituição pela mera aparência é sempre suficiente desde que atinja o fim desejado”.

Porém, na prática não era bem assim. Não posso desconsiderar as disputas, lutas e guerras que aconteceram e que vão de encontro a esse ideário de liberdade, igualdade e felicidade da população. A escravidão era intensa naquele período. Em tal contexto,

George Washington [...] é verdade que era o indiscutível Patrono da nação, mas possuíra centenas de escravos. [...] O fato de Washington ter possuído escravos ameaçava dividir ainda mais o povo, em vez de torná-lo mais unido. Os americanos tinham esperança de curar a nação com um apelo às tradições teriam de procurá-las noutra parte (RAPHAEL, 2006, p. 25).

Ainda de acordo com Ray Raphael (2006), os dois maiores Estados escravistas eram a Virgínia e a Carolina do Sul. Na Virgínia, os principais atores revolucionários apresentavam a noção de igualdade nos textos que escreviam, porém todos eles escravizavam uma infinidade de outros seres humanos. Além da escravidão, a luta contra os índios não condiz com os ideais que os “revolucionários” afirmavam almejar.

Quando os americanos brancos invadiram a sua terra [a dos índios] e queimaram suas aldeias, a maioria dos *delawares* uniu-se à resistência. Alguns convertidos ao cristianismo tentaram ficar de fora da briga, mas isso se mostrou impossível. Em 8 de março de 1782, os voluntários da milícia da Pensilvânia massacraram 96 homens, mulheres e crianças [...] da missão Gnadenhutzen. [...] Esse foi o lado cruel da Revolução Americana no território indígena (RAPHAEL, 2006, p. 255).

Por sua vez, de acordo com as leituras realizadas, Benjamin Franklin almejou adquirir o hábito de todas as virtudes elencadas, pois, para ele, umas e outras eram essenciais tanto à boa vida dos indivíduos quanto à boa ordenação da vida coletiva. Julgou então que seria preferível não dispersar a sua atenção tentando abarcar todas elas de uma única vez, mas “quando tivesse conseguido dominar uma delas, passaria à seguinte, e assim sucessivamente, até conseguir dominá-las todas [...]” (FRANKLIN, 2005, p. 110). Ele desenvolveu 13 cartões que foram preenchidos com uma tabela em cada um, na qual continha as iniciais de cada dia

da semana e a primeira letra de cada virtude. A cada deslize que Benjamin Franklin cometia, marcava uma cruz ao lado do item que tinha infringido. O objetivo desta prática era diminuir a quantidade de pontos, em busca de uma vida “saudável” e livre do vício. Ele ainda completou:

[...] E como o jardineiro que, tendo um jardim para sachar, não tenta arrancar de uma só vez todas as ervas daninhas, o que seria superior às suas forças, mas trabalha cada canteiro por seu turno, só trabalhando no segundo depois de ter terminado o primeiro, da mesma forma eu teria, assim o esperava, o encorajante prazer de observar nas minhas páginas os progressos que realizaria no caminho da virtude, limpando sucessivamente cada linha das suas cruces, até que ao termo, após um determinado número de trajetórias, me sentiria feliz vendo o meu livro completamente limpo, após treze semanas de exame diário (FRANKLIN, 2005, p. 112).

O primeiro objetivo de Benjamin Franklin foi o de alcançar a virtude da temperança. Paul Fernand Milcent escreveu um livro intitulado “Benjamin Franklin para professores” (2007) com o objetivo de empregar o exemplo dado pela vida de Franklin, como instrumento orientador da vida dos alunos brasileiros. Segundo Milcent (2007, p. 5), “num mundo no qual a obesidade é uma questão de saúde pública e a bebida ocasiona inúmeros acidentes fatais, este com certeza é um objetivo a ser alcançado por toda a nossa sociedade”.

Na sociedade idealizada por Benjamin Franklin, “todos os cidadãos podem ser nobres, pois a virtude aí não é um atributo dos bem nascidos, mas algo que pode ser ensinado, e, se pode ser ensinado, pode ser aprendido por todos” (SANCHES, 2006, p. 14). De acordo com as leituras realizadas, ele almejava uma sociedade formada por indivíduos iguais e livres, não sendo necessário abolir as classes sociais, desejava apenas uma sociedade que trabalhasse e progredisse, formada por classes que possuíssem um estilo de vida frugal. Já Ana Maria Brito Sanches (2006) completa que:

[...] Benjamin Franklin [...] tinha a convicção de que era possível educar e instruir o povo na prática da virtude e, por essa via, construir uma sociedade autogovernada. Não acreditava, por isso mesmo, que o melhor entre os melhores era uma questão de posição social ou condição de nascimento. O homem sábio e virtuoso de Franklin não era o nobre de linhagem, mas o nobre de espírito (SANCHES, 2006, p. 21).

Ainda de acordo com a autora, na concepção deste norte-americano, o ato de educar os homens, para que estes pudessem desenvolver qualidades e virtudes, era mais do que formar bons indivíduos, era também formar cidadãos, tarefa essa que deveria ser cumprida pelas

instituições sociais, incluindo o governo. Além disso, formar esses cidadãos não era uma tarefa rápida e fácil, não aconteceria de um dia para o outro, era necessário, inicialmente, instruir as crianças.

Em 1732, Benjamin Franklin publicou o primeiro volume do seu livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, o qual escrevia sob o pseudônimo de *Richard Saunders*. De acordo com Robert Darnton (2005, p. 21), “os *philosophes* [...] brilhavam na conversa inteligente, na escrita de cartas, nos boletins manuscritos, no jornalismo e em todas as formas do mundo impresso”, e com Franklin não foi diferente. No ano posterior ele começou a estudar línguas, inicialmente dominando a língua francesa e prosseguiu com a língua italiana.

Entre perdas e conquistas, no ano de 1736, o filho de Benjamin Franklin, Francis Franklin, de apenas quatro anos de idade, veio a falecer, vítima de varíola. Naquele mesmo ano, ele conseguiu um emprego para o cargo de escrevente da Assembleia Geral e no ano seguinte como delegado na Filadélfia. Ainda naquela década, escreveu um memorando sobre acidentes e incêndios, o qual repercutiu como um texto de grande utilidade para a população.

Os negócios de Benjamin Franklin desenvolveram-se bem. O seu jornal se tornou muito lucrativo, pois era o único na Província, bem como nas redondezas. Ao se estabelecer na Pensilvânia, ele lamentou a ausência de uma instituição para se obter uma “educação completa”, e em 1743, redigiu uma proposta para a criação de uma academia. Porém o seu projeto não foi aprovado, obtendo sucesso apenas no ano posterior, em que propôs e fundou a Escola de Filosofia. Sem desistir de fundar uma academia, Franklin escreveu e publicou no *JUNTO*, um panfleto intitulado “Propostas Relativas à Educação da Juventude, na Pensilvânia”, e distribuiu entre as principais pessoas, lançando uma subscrição para ser paga em cotas anuais, destinada à abertura e manutenção da Academia. Em 1749, alugou uma casa, contratou professores e fundou a instituição. A Academia prosperou com contribuições obtidas na Grã-Bretanha, tornando-se posteriormente a Universidade da Pensilvânia.

As descobertas de Benjamin Franklin resultaram de suas investigações acerca da eletricidade, tais como a identificação das cargas negativas e positivas. Ele publicou, em 1750, a proposta de um experimento para comprovar que o relâmpago era eletricidade e uma das suas maiores invenções foi o para-raios. Ele usou um fio de metal para empinar uma pipa de papel, o fio estava preso a uma chave de metal, manipulada por um fio de seda. Franklin soltou a pipa junto com o filho e observou que a carga elétrica dos raios descia pelo dispositivo. Tal experiência comprovou à comunidade científica da época que o raio era apenas uma corrente elétrica de grandes proporções. Ele demonstrou ainda que hastes de metal, quando em contato com a superfície terrestre poderiam servir como condutores

elétricos, inventado assim o para-raios. Além disso, quando esteve na cidade de Boston, em 1766, Benjamin Franklin conheceu o Dr. Spence, que vinha da Escócia e havia realizado experiências sobre eletricidade.

Descobriu que os tecidos de cor escura absorvem mais calor da luz solar do que os de cor clara, através de uma experiência baseada nas pesquisas de Isaac Newton e Robert Boyle. De acordo com Paul Milcent (2007, p. 15), Benjamin Franklin “tomou retalhos de pano de diferentes cores e os colocou sobre a neve, expostos ao sol. A seguir mediu a quantidade de líquido gerado em cada caso. Observou assim que os tecidos escuros absorviam mais calor”. Ele foi também um excelente músico, tocava harpa, guitarra e violino. Benjamin Franklin inventou ainda uma cadeira de biblioteca, nesta adaptou um ventilador, o qual se movia através de um pedal, com um assento reversível que transformava em uma escada portátil. Como ele necessitava ter acesso e manusear livros que ficavam em prateleiras mais altas, inventou também um braço extensível, que possuía na extremidade dois dedos manipulados por intermédio de uma corda.

Em 1751, junto com o amigo americano Dr. Thomas Bond, médico e cirurgião, Benjamin Franklin fundou um hospital na Filadélfia, cuja utilidade foi reconhecida, pois tratava os doentes pobres de qualquer lugar. Franklin contribuiu também com a pavimentação da cidade. Durante algum tempo ele foi inspetor do Diretor Geral dos Correios da América, proporcionando-lhe, em 1753, a assumir a direção geral dos Correios da Inglaterra.

Benjamin Franklin foi considerado um dos pais fundadores dos Estados Unidos e foi um dos principais dignitários da maçonaria americana. Vale ressaltar que, segundo Ray Raphael (2006, p. 75) “[...] a comunidade maçom ajudou a dar uma ideia de coesão e propósito à agitação revolucionária”. No ano de 1730, publicou o primeiro artigo sobre a maçonaria na América. No ano seguinte, iniciou-se no Alojamento Maçônico local e se tornou o Grande Mestre, em 1734, indicando a sua subida rápida na Pensilvânia. No mesmo ano, editou e publicou o primeiro livro Maçônico nas Américas que se tem notícia, a reimpressão de “Constituições de James Anderson dos Maçons”. Já na França, tomou parte ativa em um trabalho de depuração e de unificação da Maçonaria, iniciado em 1773 com a criação do Grande Oriente. Como embaixador, exerceu de 1779 a 1781, o posto de Grão Mestre da Loja “*Les Neuf Soeurs*”.

O seu grande êxito editorial, na América, foi o livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo*. Com o almanaque, Benjamin Franklin pretendia se tornar um educador popular, difundindo uma moral leiga, baseada no trabalho, na economia e na honestidade. Este almanaque repercutiu Franklin como um jovem e amável sábio, conhecido em muitos países,

tendo sido editado durante 25 anos, de 1732 a 1757. O sucesso foi tanto que ele montou tipografias em todas as Colônias norte-americanas e acumulou grande fortuna, já que vendeu dez mil exemplares por ano, o que lhe permitiu aposentar-se dos negócios ainda no ano de 1752.

Com a expansão das tipografias nas Colônias, houve uma maior circulação de obras, que caracteriza a história da leitura norte-americana. Este norte-americano se preocupou em propagar para a população, através de seus escritos, conselhos, conhecimentos e feitos realizados por ele, a fim de auxiliar de alguma forma um modo de vida mais proveitoso.

Para realizar um estudo biográfico sobre um intelectual é indispensável o conhecimento da sociedade na época. De acordo com Norbert Elias (1990), a sociedade é compreendida como uma rede de funções interdependentes no interior das associações humanas pela qual as pessoas estão ligadas entre si e que, apesar de não serem visíveis ou tangíveis, são reais. Segundo Ana Maria Sanches (2006),

Viver em sociedade, para Franklin, não era propriamente uma questão de escolha, mas uma necessidade incontornável. Fora da vida social, os homens são impotentes diante das maiores ameaças. [...] Na vida social, os homens encontram as condições necessárias para desenvolver aquele atributo da razão que os torna assemelhados a Deus e os distingue dos animais. É pela luz da razão que os homens “aprendem” o verdadeiro significado da palavra “humanidade” (SANCHES, 2006, p. 14).

Benjamin Franklin, juntamente com outros maçons, reuniu os seus recursos e organizou a primeira biblioteca pública na Filadélfia, encomendando seus primeiros livros no ano de 1732. O sucesso desta ação encorajou a abertura de bibliotecas em outras cidades norte-americanas. Diversos ensaios, artigos e panfletos foram escritos por Benjamin Franklin, e o seu livro mais conhecido foi a sua “Autobiografia”, publicada postumamente, no ano de 1791. No final do século XIX, esse título já havia sido reimpresso aproximadamente mil vezes.

A partir da análise da Autobiografia e de outros textos, foi interpretado que nos seus registros encontrava-se incentivo ao trabalho, à frugalidade, ao investimento, e com isso ao ganho de muito dinheiro. Tais preceitos estariam nos escritos de Benjamin, uma espécie de manual de organização do modo de vida norte-americano. De acordo com Max Weber (2001),

O ganho de dinheiro na moderna ordem econômica é, desde que feito legalmente, o resultado e a expressão da virtude e da eficiência em certo caminho; e essas eficiência e virtude são [...] o alfa e o ômega da verdadeira

ética de Franklin, como foi expressa [...] em todos os seus escritos, sem exceção (WEBER, 2001, p. 21).

Benjamin Franklin se afastou dos negócios ainda em 1749, já com uma razoável fortuna e continuou a serviço do seu país até o ano de 1788, passando 25 anos dedicados à política, em longas viagens à Inglaterra e à França. Ele veio a falecer em 17 de abril de 1790, aos 84 anos, na Filadélfia, de uma doença pulmonar crônica. Alguns anos após a sua morte, foi fundado o Instituto Franklin, em sua homenagem, o qual ainda existe e é especializado no que existia de mais essencial para Benjamin Franklin, a interpretação da ciência e da tecnologia para os leigos. O Instituto Franklin tem-se centralizado no desenvolvimento de novas formas de cooperação institucional entre a Espanha e a América do Norte, desenvolve programas acadêmicos para os estudantes americanos e patrocina projetos de pesquisa, oferecendo bolsas de estudos.

Destarte, para compreender melhor a atuação de Benjamin Franklin nas causas públicas sociais da população norte-americana, pergunta-se: Qual(is) benefício(s) esse sujeito buscou levar para a Nação Norte-Americana? Este questionamento será respondido no tópico seguinte.

1.2 Na Luta pela Composição do “Outro”: Benjamin Franklin e a Independência Norte-Americana

O revolucionário Benjamin Franklin lutou incessantemente pela composição do “Outro”, ou seja, lutou para que a população dos Estados Unidos da América conquistasse e/ou formasse a sua composição de Nação independente. Mas, segundo este norte-americano, uma nação independente não existe sem liberdade, nem a liberdade sem a virtude, tampouco a virtude sem os cidadãos. E para formar esses cidadãos era preciso investir na escolarização.

Por sua vez, segundo FARIA FILHO (2002), nos séculos XVII e XVIII, houve a expansão do ideário da escolarização na Europa e nas Américas, com o intuito de que o povo europeu e americano fosse uma sociedade laica, no que tange a cultura e a política. Estas ideias, cujos objetivos eram conhecer e transformar o mundo, numa “[...] campanha para mudar as mentes e reformar instituições” (DARNTON, 2005, p. 18), surgiram através de indivíduos e filósofos, designados como iluministas, dentre os quais, destaco a importância de Benjamin Franklin. Estes indivíduos pretendiam “colocar suas ideias em uso, persuadir,

propagar e transformar o mundo ao redor”, e representavam “uma nova força na história, homens de letras agindo em conjunto e com autonomia [...]” (DARNTON, 2005, p. 19).

De acordo com Marcos Soares (2007),

[...] o “iluminismo americano” produziu notáveis escritos políticos, nos quais as ideias de razão, justiça, liberdade e igualdade eram defendidas em nome da ideia da “excepcionalidade americana”, o ideal de que o país encarnava o destino da humanidade na sua natureza de experimento democrático universal. Da época destacam-se os escritos de Benjamin Franklin (1706-1790) e os panfletos políticos de Thomas Paine (1735-1860) [...] (SOARES, 2007, p. 8).

Aqueles iluministas propuseram uma reforma política e de costumes para a população e criticaram a situação política e cultural do seu país. A partir daí surgiram as revoluções políticas e as mudanças na organização do poder político, tais como na França e Inglaterra. Dentre as estratégias dos iluministas para divulgar seus ideários, estavam a imprensa e a expansão da escolarização.

No ano de 1754, prevendo a guerra com a França, já que a ameaça próxima era a presença francesa no Canadá, Benjamin Franklin foi convocado para um congresso de delegados das diversas Colônias, que aconteceu em Albany, a fim de discutir acerca de contribuições para a defesa dos países. Ao participar desta reunião, Benjamin Franklin elaborou um projeto com o objetivo de unir as Colônias americanas sob um único Governo, o qual foi aprovado pela comissão que avaliou tais projetos. Porém, as Assembleias das várias Províncias rejeitaram-no, argumentando que continham muitas prerrogativas e a Inglaterra considerou-o muito democrático. Já em Boston no ano seguinte, Benjamin Franklin chegou à conclusão de que:

As várias razões contraditórias apresentadas contra o meu plano levaram-me a suspeitar que ele constituía realmente o verdadeiro termo médio; e ainda mantenho a opinião de que a sua aprovação teria sido uma felicidade para ambas as margens do Atlântico. As colônias unidas desta maneira ter-se-iam tornado suficientemente fortes para defenderem a si próprias; nestas condições não teriam tido necessidade das tropas inglesas; certamente, o pretexto subsequentemente invocado para lançar um imposto sobre a América e o sangrento embate que daí resultou teriam sido evitados. Mas semelhantes erros não são inéditos. A História está cheia de erros praticados por Estados e por príncipes (FRANKLIN, 2005, p. 159).

A Revolução Norte-Americana “começara [...] quando dezenas de milhares de milicianos patriotas e zangados atacaram juntos alguns funcionários desarmados e derrubaram

a autoridade britânica em todo o estado de Massachusetts fora de Boston” (RAPHAEL, 2006, p. 85). As relações entre os colonos e a metrópole tornaram-se críticas em meados do século XVIII, quando a Coroa inglesa mudou a política tributária, devido ao crescimento do comércio colonial, aumentando os impostos sobre importações vitais para a economia e a subsistência das Colônias - açúcar, café, têxteis –, além do imposto de selo sobre jornais, documentos legais e outros, para poder restaurar-se financeiramente, devido ao custo da Guerra dos Sete Anos, ocorrida entre Inglaterra e França (1756-1763). Nesta, os colonos ingleses haviam ajudado a Inglaterra a conquistar domínios franceses a norte e a oeste das colônias.

A Revolução Americana foi a quinta ocasião em menos de um século em que a Grã-Bretanha e a França estiveram em guerra. Durante 36 anos [...] essas duas potências coloniais batalharam pela predominância na Europa e no resto do mundo. A dívida que a Grã-Bretanha acumulou durante o conflito anterior, conhecido nesse país como guerra contra os franceses e os índios, levou ao aumento da tributação britânica sobre suas colônias americanas – coisa que provocou grande resistência, culminando na Guerra Revolucionária (RAPHAEL, 2006, p. 239).

A Declaração da Independência foi aprovada pelo Congresso Continental em 2 de julho de 1776. Porém os americanos comemoram em 4 de julho, já que segundo Ray Raphael (2006), o cartaz da Declaração trazia no cabeçalho “No Congresso, 4 de julho de 1776”. Esta Declaração foi redigida por Thomas Jefferson, terceiro presidente dos Estados Unidos da América, que passou a ser visto como arquiteto da “igualdade” americana. Além disso, ele se destacou como líder político, arqueólogo, paleontólogo, músico, inventor e fundador da Universidade da Virgínia. Esta declaração, inspirada nos ideais do Iluminismo, representou “a visão de um jovem projetando seus anseios pessoais por um mundo melhor” (RAPHAEL, 2006, p. 126). Através dela, circulou a ideia do direito à “busca da felicidade”. De acordo com Robert Darnton (2005, p. 112) “a busca da felicidade [...] é a frase mais memorável da Declaração da Independência americana”, na qual Thomas Jefferson enunciou que, “consideramos como verdades evidentes que todos os homens são criados iguais, que a todos o Criador dotou de certos direitos inalienáveis, entre os quais estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade”.

A religião também é destaque na Declaração. Segundo Alderi Matos (2003, p. 21-22), “os presbiterianos tiveram uma atuação destacada na Revolução. O Rev. John Witherspoon[...] foi o único pastor que assinou a Declaração de Independência dos Estados Unidos”. Na Declaração, a religião faz aparições breves,

No entanto, permitiu-se que a religião tivesse apenas um papel negativo na Constituição: na proibição de requisitos religiosos para os cargos públicos e na proibição de uma religião oficial. [...] Foi Franklin, surpreendentemente, o menos religioso dos Fundadores, quem quis que fosse feita alguma menção a Deus na Constituição, e foi ele quem propôs que diariamente se iniciasse os trabalhos da Convenção com uma prece (HIMMELFARB, 2011, p. 255-256).

A luta pela liberdade religiosa, os conflitos políticos que ocorreram na Europa, a procura de melhor qualidade de vida e o crescimento do comércio, foram as principais razões que motivaram a ida de grandes levas de colonos, principalmente ingleses, para a América do Norte, fixando-se na costa do Oceano Atlântico, fazendo surgir então as 13 Colônias Inglesas (Figura 2). Na região mais ao Norte, situavam-se as Colônias de Massachusetts, New Hampshire, Rhode Island, Connecticut. No centro, encontravam-se Nova York, Pensilvânia, Nova Jersey e Delaware e mais ao sul, Virgínia, Maryland, Geórgia, Carolina do Norte e Carolina do Sul.

Figura 2. Mapa das 13 Colônias Inglesas, 1776.



Fonte: Disponível em: <http://historiaabc.blogspot.com.br/2012/05/independencia-dos-estados-unidos-os.html>. Acesso em 1º de fevereiro de 2013, às 9h34min.

No ano de 1774, ocorreu o primeiro Congresso da Filadélfia, em que os colonos redigiram um documento determinando o fim das exigências da metrópole. No segundo congresso, os colonos resolvem romper com a Inglaterra e proclamar a independência. A Inglaterra, não reconhecendo as resoluções, entrou em conflito com as Colônias, marcando assim, a chamada Revolução Americana, mais conhecida como Guerra de Independência dos Estados Unidos da América.

Como a França esteve em guerra contra a Inglaterra, cerca de 20 anos anteriores à Revolução, Benjamin Franklin dizia representar um perigo para a população, então tomou providências para defender a Província da Filadélfia, propondo uma constituição de uma associação para tal defesa. Foram fornecidos armamentos, organizaram-se companhias para os subscritores receberem instruções militares e foi construído um forte abaixo da cidade para a aquisição de canhões, alguns comprados em Boston.

Benjamin Franklin foi um dos líderes da Revolução Americana, e segundo Bliven,

Vinte anos antes da Guerra da Independência americana, inventou o sistema de governos estaduais unidos sob uma autoridade federal. Durante os anos que passou em Londres, lutou incessantemente pela causa americana, [...]. O resultado foi que o Parlamento revogou a lei e a guerra foi adiada dez anos, dando às colônias o tempo de que tanto necessitavam para se preparar (BLIVEN, 2005, p. 205).

Como a França tinha uma diferença com a Inglaterra, os americanos procuraram a sua ajuda, mandando para lá Benjamin Franklin, que conhecia tanto os problemas da Inglaterra quanto os da América. Em 1783, as 13 Colônias, lideradas por George Washington e apoiadas pelos franceses, que eram inimigos históricos da Inglaterra, venceram a guerra, obtendo a sua independência reconhecida.

Segundo a historiadora norte-americana Gertrude Himmelfarb (2011),

[...] a Revolução não fez com que o povo retornasse à sociedade civil [...], muito menos a um estado de natureza [...], mas o conduziu a uma sociedade política, a uma organização política – menos organizada e, certamente, menos centralizada do que a Constituição lhes dera, contudo, politizada (HIMMELFARB, 2011, p. 242).

Também no ano de 1783, foi firmado o Tratado de Paris, assinado entre a França e a Inglaterra, pondo fim à Guerra de Independência dos Estados Unidos da América. Neste, a Inglaterra reconheceu a Independência Americana. Por outro lado, neste tratado, “os britânicos ignoraram os direitos dos índios ao afirmar que as ‘fronteiras’ dos Estados Unidos

se estendiam até o Mississippi” (RAPHAEL, 2006, p. 263). Posteriormente, os norte-americanos, ignoraram a posse indígena e determinaram a distribuição da terra entre os brancos. Desta forma, o “final feliz” da Revolução foi uma derrota para a população nativa.

Os Estados Unidos proclamaram a primeira Constituição em 1787, a qual consignava os direitos individuais dos cidadãos e estabelecia um sistema de equilíbrios entre os poderes legislativo, executivo e judicial. Estes movimentos são importantes para a história norte-americana, além de a Revolução ter sido o primeiro movimento que, inspirado no Iluminismo, conseguiu o triunfo, e influenciou os demais movimentos de libertação na América, ocorridos no início do século XIX. Segundo Milcent (2007, p. 9), “a independência norte-americana comprovou as ideias dos enciclopedistas, como uma alternativa viável à oligarquia hereditária vitalícia então vigente”.

Deste modo,

A Revolução Americana, um dos levantes políticos de base mais ampla de todos os tempos, deu destaque à noção de soberania popular. No litoral leste do continente norte-americano no final do século XVIII, as ideias políticas do Iluminismo europeu foram postas em prática em escala grandiosa. Os filósofos, durante a maior parte do século, tinham afirmado que toda autoridade governamental reside no povo, mas a maioria dos estados do Velho Mundo [...] ainda não tinha seguido a lógica dessa teoria para abrir mão do poder monárquico ou aristocrático. Os Estados Unidos o fizeram (RAPHAEL, 2006, p. 269).

1.3 Aspectos Materiais do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*

Através da associação *JUNTO*, Benjamin Franklin comprou a *Pennsylvania Gazette*, impresso de pouca circulação. Este era um tipo de impresso que atingia uma pequena camada da população, já que naquela época a preferência maior de leitura era o almanaque. No intuito de atingir a forma de pensar e de agir daquela população, ele escreveu o *Almanaque do Bom Homem Ricardo*.

Publicado a partir de 1732, o *Almanaque do Bom Homem Ricardo* é um anuário de informações gerais, cheio de provérbios de Benjamin Franklin. De acordo com a historiadora Margareth Brandini Park (1999, p. 09), “o almanaque é um livro destinado a todas as pessoas, ‘mesmo os menos letrados ou os analfabetos, podem (ler)’”. Ainda segundo a historiadora, “ler os almanaques populares seria estabelecer [um vínculo] entre o que foi ‘lido’, vivido e o que se vive, mas recuperando também as memórias da leitura vivenciadas. Lê-se o conhecido, através de sabedorias anteriores” (1999, p. 51). O Almanaque foi um tipo de impresso que

teve grande influência na cultura de brasileiros, devido à quantidade de exemplares que divulgavam e a sua forte presença nas lembranças de leitura dos mais modestos leitores.

O material que tenho como fonte principal de investigação encontra-se impresso em inglês. Mas, foram localizadas duas obras, ambas intituladas “A Sciencia do Bom Homem Ricardo ou Meios de fazer Fortuna”, em outro idioma, que se referem ao *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, tendo circulado entre grupos protestantes⁶ no Brasil. Considerado um dos documentos fundamentais da história norte-americana, tal circulação é resultado da presença de elementos desta cultura no Brasil. Segundo Almeida e Nascimento (2012),

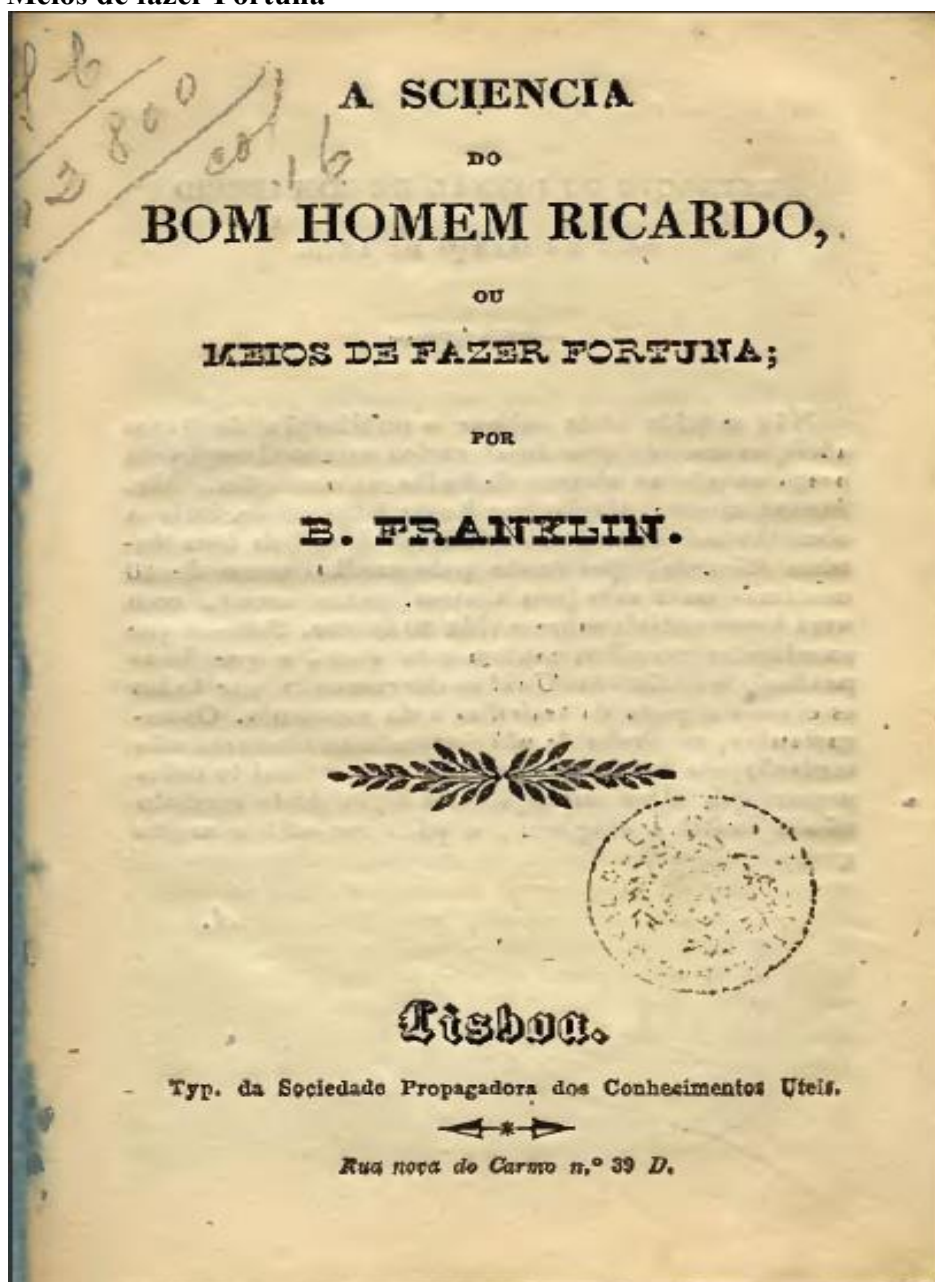
A circulação de impressos favoreceu a circulação de ideias, saberes e práticas educativas e religiosas norte-americanas. A imprensa teve significativa responsabilidade pela circularidade de culturas, uma vez que possibilitou a socialização da palavra impressa, rompendo com a posse da cultura letrada daqueles mais abastados. A circulação de impressos, enquanto estratégia para difundir novos ideais religiosos, práticas educativas protestantes e norte-americanas pôs a palavra escrita religiosa ao alcance de muitos brasileiros que não tinham acesso a cultura letrada (NASCIMENTO; ALMEIDA, 2012, p. 76).

Essas publicações foram encontradas, respectivamente, no acervo digitalizado da Biblioteca Nacional de Portugal e na Coleção Folhetos Evangélicos. A obra foi escrita por Benjamim Franklin, e é parte do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, compreendendo a extensa introdução do impresso. Nesta obra ele também utiliza o pseudônimo *Richard Saunders*.

Os exemplares estão em português, um deles publicado no ano de 1825, pela Tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, Rua Nova do Carmo, nº 36, Lisboa (Figura 3), contendo 15 páginas.

⁶Esta afirmação é fruto da pesquisa realizada por Mirianne Santos de Almeida (2013), cujo objetivo foi compreender, a partir da Coleção Folhetos Evangélicos, de Vicente Themudo Lessa, a difusão de saberes e práticas educacionais protestantes. A Coleção Folhetos Evangélicos foi localizada no Centro de Documentação e História Reverendo Vicente Themudo Lessa, em São Paulo, e faz parte do acervo digitalizado da Prof.^a Dr.^a Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento.

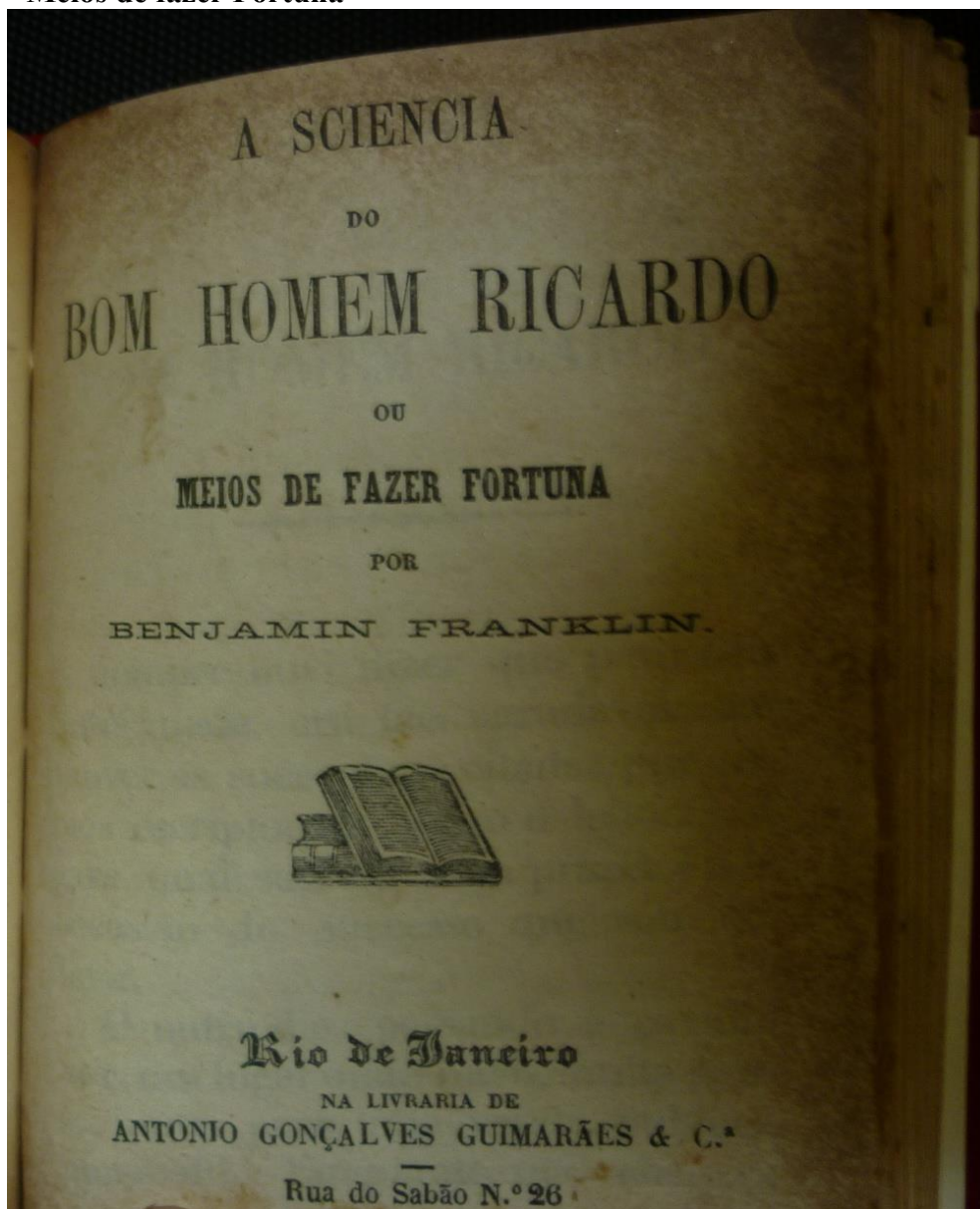
Figura 3. Segunda capa da obra “A Sciencia do Bom Homem Ricardo ou Meios de fazer Fortuna”



Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: <http://purl.pt/14349>. Acesso em 26 de maio de 2012, às 14h32min.

Já na Coleção Folhetos Evangélicos, o exemplar foi publicado na livraria de Antonio Gonçalves Guimarães & C.^a, que estava situada na Rua do Sabão nº 26, Rio de Janeiro (Figura 4), contendo 32 páginas. Neste material não foi possível localizar o ano de publicação.

Figura 4. Segunda capa da obra “A Sciencia do Bom Homem Ricardo ou Meios de fazer Fortuna”



Fonte: Coleção Folhetos Evangélicos. São Paulo: Centro de Documentação e História Vicente Themudo Lessa, 2010.

Porém, a análise para esta pesquisa se concentrou no exemplar do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, o qual está impresso e encontra-se em inglês, o que demandou de início uma tradução. Este exemplar, intitulado *Poor Richard's Almanac*, foi publicado no ano de 1757, pela Editora *David McKay Company – Washington Square – Philadelphia*. O documento contém 132 páginas, tem formato de bolso, com medidas de 10,5 cm de largura, 14,5 cm de comprimento e 1,0 cm de espessura. Levando em consideração que o livro está muito manuseado, a medida da sua espessura poderá ter sofrido modificações. Frente à leitura

externa, o livro possui uma capa dura, de cor azul escuro e resistente. Apesar do tempo e manuseio, o livro se encontra em bom estado de conservação, com folhas inteiras, sem dobraduras e nem rasuras.

Benjamin Franklin é considerado um *philosophe* de destaque do século XVIII e, apesar das guerras e disputas, contribuiu de forma significativa para a população norte-americana. Destaco a sua obra *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, já que através da circulação deste impresso, bem como dos demais feitos realizados, ele cooperou na difusão de saberes e conhecimentos que foram e são úteis à população.

Descritos um breve esboço biográfico do filósofo Benjamin Franklin e alguns aspectos da sua obra, o *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, finalizo este capítulo e levanto as seguintes questões: Como estão postas as práticas educacionais no *Almanaque do Bom Homem Ricardo*? Quais os aspectos da representação da cultura norte-americana foram imbuídos no cenário brasileiro a partir do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*? Tais levantamentos serão respondidos no capítulo que segue.

CAPÍTULO 2 – REPRESENTAÇÕES DA CULTURA NORTE-AMERICANA NO ALMANAQUE DO BOM HOMEM RICARDO E A SUA CIRCULAÇÃO NO BRASIL

O *Almanaque do Bom Homem Ricardo* é uma obra composta de conselhos repletos de princípios morais, eficazes a todos os cidadãos. Com uma linguagem do senso comum, o livro que, por mais de um século, circulou em várias partes do mundo, serviu para a educação da população norte-americana, bem como da população brasileira.

Almanaque. De tantos tempos. Renovados pelo olhar que dialoga com um texto perpetuado. Assim como nos calendários, trazem principalmente a marca dos tempos, numa repetição que nunca é a mesma, pois o tempo da leitura tudo modifica. Até o leitor. O alcance e a importância dessa literatura traduzem-se pela alta tiragem de exemplares, gratuidade, modelo tipográfico e ampla rede de distribuição (PARK, 1999, p. 16).

Benjamin Franklin esforçou-se para que o seu Almanaque se tornasse um escrito pertinente e útil. Os provérbios que compunham o Almanaque continham a sabedoria de muitas épocas e nações, por isso reuniu estes provérbios em um artigo, sendo este o prefácio do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* de 1757.

[...] Observando que era lido por quase toda a gente, raras sendo as pessoas na Província que o não possuíam, considerei-o como um veículo natural para a difusão da instrução entre gente comum, que só excepcionalmente compra outra classe de livros; preenchia, por isso, todos os pequenos espaços livres que restavam entre os dias mais notáveis do calendário, com máximas e provérbios, em especial aqueles que incitavam à aplicação ao trabalho e à frugalidade como meios para alcançar a riqueza, e, desta maneira, contribuíam para a virtude – visto que é mais difícil para um homem necessitado agir sempre honestamente, ou, para usar um dos referidos provérbios, “é difícil, para um saco vazio, ficar de pé” (FRANKLIN, 2005, p. 122).

Ainda para o autor, para adquirir riqueza honestamente, o melhor caminho era o da agricultura, considerada, naquela época, a atividade mais virtuosa, na qual o homem recebe um produto verdadeiro da semente lançada ao solo. Apesar de ter sido um defensor do livre comércio, Benjamin Franklin admitia que as relações do comércio eram baseadas em trapaças.

Por sua vez, durante o período de publicação e anos posteriores, um exemplar poderia ser encontrado em qualquer casa norte-americana, sendo este um dos poucos materiais

impressos que circulavam na sociedade e de fácil acesso. Observar a forma que este impresso foi escrito e a maneira como contribuiu para a população da época em que circulou, especialmente a população menos favorecida, levando conhecimentos úteis, é uma tarefa importante.

Nesta perspectiva, foi adotada a noção de representação. Segundo Roger Chartier (1990),

As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (CHARTIER, 1990, p.17).

Para o autor, ao criarem representações, os indivíduos descrevem a realidade tal como pensam que ela é ou como gostariam que fosse. Compreende também que os impressos são dispositivos através dos quais os indivíduos visam impor determinadas representações do grupo social em que se encontram inseridos. E isso é perceptível ao analisar o *Almanaque do Bom Homem Ricardo*.

Desta forma, analisar representações da cultura norte-americana a partir do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* e verificar as práticas educacionais presentes neste livro, que circulou em espaços formais e não formais de educação, são os objetivos que movem este capítulo. Para atendê-los, coube indagar: Como representações desta cultura estão presentes no objeto investigado? De que maneira o Almanaque circulou no Brasil, na segunda metade do século XVIII? Estas indagações serão respondidas no desenvolvimento dos tópicos que seguem.

2.1 O *Almanaque do Bom Homem Ricardo* e Representações da Cultura Norte-Americana

No que concerne à leitura interna, as folhas do Almanaque estão amareladas devido ao manuseio e ação do tempo, todas impressas no mesmo tipo de papel, fino, desgastado, porém resistente. Na segunda capa contém a identificação de autoria, o local de publicação e a tipografia responsável por sua impressão.

Quanto à divisão, o *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, de 1757, encontra-se distribuído em um breve prefácio (p. 1-3), um extenso texto introdutório (p. 5-33) e 11 capítulos, intitulados: Plano para salvar mil libras (p. 34-37); Dicas necessárias pra aquele que

seria rico (p. 38-40); Conselho para um jovem vendedor (p. 41-46); A procura do tesouro escondido (p. 47-61); Observações sobre os selvagens da América do Norte (p. 62-80); Uma petição da mão esquerda (p. 81-84); O assobio (p. 85-91); Diálogo entre Franklin e Gout (p. 92-109); A arte de aquisição de sonhos agradáveis (p. 110-122); O Efêmero: um emblema da Vida Humana (p. 123-128); Para Senhorita Geogiana Shipley (p. 129-132). Estes capítulos versam, dentre tantos assuntos, sobre o ato de economizar; como ser bem sucedido na vida; como tornar-se rico; ter uma vida saudável.

Os provérbios contidos no *Almanaque do Bom Homem Ricardo* eram elaborados por Benjamin Franklin para constar até a sua última publicação, datada de 1757, referente à obra que me propus a analisar. Alguns deles são: “um tostão poupado é um tostão ganhado”; “é difícil que um saco vazio se conserve em pé”; “a experiência é uma escola rara, mas os tolos não querem aprender noutra”; “todo aquele que pede emprestado, logo se arrepende”; “nada é inevitável, exceto a morte e os impostos”; “Deus ajuda aqueles que se ajudam a si mesmos”. Em seus provérbios, ele sempre iniciava com a frase “Como disse o Pobre Ricardo”. No prefácio da obra, Franklin afirmou que:

A intenção de todos esses conselhos, portanto, tinha um foco capaz de causar uma ótima impressão. A obra, sendo aprovada, era copiada em todos os jornais do continente e reeditada em massa em Britânico, para ser enfiada nas casas; duas traduções eram feitas em francês e muitos compravam para o clero e para a alta burguesia, para distribuir grátis entre paroquianos pobres e arrendatários. Na Pensilvânia, como eram desencorajadoras e supérfluas as despesas estrangeiras, alguns pensavam que ter esse compartilhamento influenciava proporcionalmente no crescimento abundante de dinheiro que foi observado por muitos anos depois da publicação (FRANKLIN, 1757, p. 2-3).

A crítica dos costumes era o objetivo principal do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*. Benjamin Franklin observava os acontecimentos e, através de provérbios conhecidos e reelaborados, escrevia críticas por meio deste periódico instrutivo. Neste, ele trouxe conselhos de que é através do trabalho que uma pessoa torna-se bem sucedida na vida, obtendo renda e riqueza, além de conquistar a independência, e com isto, a liberdade. Segundo Franklin (1757, p. 12-13), “trabalhe enquanto é chamado hoje, porque você não sabe o quanto pode ser prejudicado amanhã; [...] Um hoje vale por dois amanhã; e mais, tem alguma coisa pra fazer amanhã? Faça hoje”. Além disso, através do trabalho o homem se tornaria virtuoso, pois, de acordo com Franklin, é mais difícil para um homem necessitado agir honestamente. Através dessa passagem, evidencio que o pensamento deste norte-

americano é fundamentado na ética protestante, a qual é baseada, também, no princípio de trabalho árduo.

Dentre outros fatores, o autor enfatizou a preguiça e o tempo como caminhos para o fracasso.

Preguiça reduz a vida. “Preguiça é como a ferrugem, consome mais rápido do que no uso; enquanto a chave usada é sempre brilhante”, como disse o Pobre Ricardo. “Mas você ama a vida? Então não desperdice tempo, pois a vida é feita dele”, como disse o Pobre Ricardo. [...] Se o tempo é a mais preciosa de todas as coisas, “desperdício de tempo deve ser”, como disse Pobre Ricardo, “o maior desperdício”; [...] “A preguiça faz todas as coisas fáceis”, como disse Pobre Ricardo; [...] e “dormir cedo e acordar cedo faz um homem rico, saudável e sábio” (FRANKLIN, 1757, p. 9-10).

Neste Almanaque, Benjamin Franklin consecutivamente se referiu a publicações anteriores, e em sua escrita, na maioria das vezes, utilizou a linguagem metafórica, porém de fácil leitura e interpretação, com o intuito, provavelmente, de atingir as classes menos letradas. Exemplos disso foram os seus conselhos sobre prudência e cuidado com as coisas, na passagem: “Por falta de um prego, o sapato foi perdido; por falta de um sapato, o cavalo se perdeu; e por falta do cavalo, o cavaleiro se perdeu; [...] tudo por falta de cuidado com um prego na ferradura” (FRANKLIN, 1757, p. 17-18).

Sempre em prol da riqueza e do bem estar, Benjamin Franklin dizia que se alguém quisesse se tornar rico, pensasse em guardar tudo o que conseguiu durante a vida. “As Índias não fizeram a Espanha ficar rica, porque seus gastos são maiores que seus rendimentos” (FRANKLIN, 1757, p. 19). Este é um dos princípios vistos com mais frequência no texto e almejado pela população norte-americana, o bem estar em busca das diversas formas de felicidade.

Ao analisar o livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo* internamente, para além dos seus aspectos físicos e materiais, busco interpretar os conteúdos veiculados, evidenciando, em algumas passagens do texto, como os modos de agir e pensar de Benjamin Franklin influenciaram o seu escrito. Busco compreender tais virtudes muito além de uma pretensão pessoal, mas também como preceitos de vida ligados às ideias dos *philosophes* norte-americanos do século XVIII, já citadas anteriormente, que caracterizaram a cultura norte-americana; são elas: liberdade, felicidade e leis naturais.

Para esta investigação, penso a liberdade como a independência do ser humano, o poder de ter autonomia e espontaneidade. No contexto do século XVIII, era um princípio a ser alcançado, pois esta deveria se estender para toda a população. A liberdade é aqui entendida

como uma transição para a vida em sociedade, como descrita no texto *Do Contrato Social* (2002), do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau. De acordo com o autor:

O que o homem perde pelo contrato social é a liberdade natural e um direito ilimitado a tudo o que tenta e pode alcançar; o que ganha é a liberdade civil e a propriedade de tudo o que possui. Para que não haja engano em suas compensações, é necessário distinguir a liberdade natural, limitada pelas forças do indivíduo, da liberdade civil que é limitada pela liberdade geral [...] (ROUSSEAU, 2002, p. 30-31).

Para Rousseau, os indivíduos deveriam ter consciência e amor não somente para consigo, mas para com o outro, reconhecendo a necessidade de conviver em sociedade, já que o homem com liberdade natural procura satisfazer os seus instintos, desconsiderando as consequências para com os demais seres humanos. Ainda para Rousseau, em outra obra, intitulada *Emílio ou da educação* (1995), o autor propõe um novo modelo de educação, que trouxe à tona o tipo de cidadão que melhor atendia às reais necessidades do homem moderno, o qual deveria ter, acima de tudo, liberdade.

Pela ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é o estado de homem; e quem quer que seja bem educado para esse, não pode desempenhar-se mal nos que com esse se relacionam. Que se destine meu aluno à carreira militar, à Igreja ou à advocacia, pouco me importa. Viver é o ofício que lhe quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; ele será primeiramente um homem (ROUSSEAU, 1995, p. 23).

Além disso, de acordo com Ana Maria Sanches (2006, p. 45), a preocupação de Benjamin Franklin com a liberdade ultrapassava os direitos políticos do homem. “Não haveria, segundo ele, verdadeira liberdade do cidadão sem sua independência econômica, ou pelo menos sem que o cidadão pudesse escapar da pobreza extrema”. Por isso, Franklin valorizou a Educação e o Trabalho, pois são as possibilidades para uma “sociedade autogovernada, de homens livres comandados pelas leis”.

A felicidade, para Franklin, era entendida como um direito do homem, e esta deveria deixar de ser um privilégio da Monarquia. A ideia defendida pelos intelectuais era de que a população deveria ser feliz e possuir uma felicidade comum. Desta forma, no ano de 1776, segundo Robert Darnton (2005),

[...] a felicidade deixou de ser um privilégio da aristocracia. Tornou-se um direito do homem, proclamado ao mundo na Declaração de Independência americana: “vida, liberdade e a busca da felicidade”. A felicidade em vez de

propriedade. A substituição de um termo pelo outro abriu caminho para o direito ao acesso igual às boas coisas da vida (DARNTON, 2005, p. 102).

Tal substituição não significa afirmar que a felicidade se opõe à propriedade, mas que é uma extensão da mesma. Ainda na concepção de Robert Darnton (2005, p. 105), “a ideia de felicidade encravou-se tão profundamente na cultura americana que às vezes desaparece de vista. Ela está em toda parte e em lugar nenhum, como suposição implícita que colore uma visão de mundo [...]”. Esta passou a ser entendida pelos filósofos do Iluminismo, no século XVIII, como um objetivo da vida do homem como indivíduo e da existência da sociedade coletiva.

Ainda segundo Robert Darnton, dentre estes filósofos, John Locke foi considerado um filósofo da felicidade. O filósofo inglês afirmou que, assim como a mais alta perfeição da natureza intelectual reside numa cuidadosa e constante busca da verdadeira e sólida felicidade, o cuidado que tomamos para não confundir a felicidade imaginária com a felicidade real é o alicerce necessário de nossa liberdade.

Carlota Boto (1996) também relatou a respeito da felicidade em Rousseau. No tópico *Nas pegadas do Emílio*, a autora relata que:

O propósito do autor é delinear a demarcação entre o homem de natureza e o homem civil. A infância – natural por definição – principia desde cedo a ser degenerada pela nódoa de uma sociedade de máscaras e constrictões. A espontaneidade seria vedada em um modelo de educação pautado pela vigilância do social sobre o natural. O custo disso seria, sem dúvida, a felicidade. Para Rousseau, pelo contrário, havia que se buscar no homem o homem e na criança a criança (BOTO, 1996, p. 28).

Quanto às leis naturais, John Locke dizia que todos os homens, ao nascer, tinham direitos naturais - à vida, à liberdade e à propriedade. A ideia de que as virtudes são adquiridas e não herdadas, está ligada a tese da igualdade natural dos homens, a qual era entendida por Benjamin Franklin como foi entendida por John Locke (1999). Em seu livro “Ensaio acerca do entendimento humano”, ele afirma que “a maneira pela qual adquirimos qualquer conhecimento constitui suficiente prova de que não é inato” (LOCKE, 1999, p. 37). O autor completa,

Se, pois, as ideias não são inatas, houve um tempo em que a mente estava sem esses princípios, e, deste modo, não seriam inatos, mas derivados de alguma outra origem. Pois, se as próprias ideias não o são, não pode haver conhecimento, assentimento, nem preposições mentais ou verbais a respeito delas (LOCKE, 1999, p. 51).

Dessa maneira, todo conhecimento do homem é adquirido, não depende da condição de nascimento, mas o ser humano é dotado de capacidades, destacando o pensar, agir e transformar. Por meio destas capacidades, se obtém a razão, que está particularmente ligada à natureza humana. De acordo com Sanches (2006),

Não menos em Franklin do que em Locke, a razão é a lei de Deus inscrita nos corações dos homens. Mais do que ensinar que não estamos autorizados a destruir um ao outro, ela nos revela que temos deveres uns para com os outros; que somos responsáveis uns pelos outros, dependemos uns dos outros e, em última análise, fomos feitos para servir uns aos outros(SANCHES, 2006, p. 31).

Portanto, a razão é fruto da virtude conhecimento, e, se tal virtude pode ser ensinada, também pode ser aprendida por todos os indivíduos, independente de posição social que este ocupa na sociedade. Este conhecimento deve ser adquirido através da fonte de aprendizado denominada educação, seja ela particular ou pública, desde a educação dada pelos pais aos filhos, até a que ensina um ofício, para que por meio do trabalho e indústria, o ser humano conquiste a sua independência.

Descritas as ideias que permearam a sociedade norte-americana durante o século XVIII, cabe indagar: de que maneira estas ideias estão presentes no *Almanaque do Bom Homem Ricardo*?

Gráfico1. Elementos da cultura norte-americana e o Almanaque



Fonte: Gráfico organizado pela autora.

No gráfico, quero mostrar como os princípios estão ligados às virtudes, e estas estão ligadas ao Almanaque, observando do macro para o micro. Os ideais de liberdade, felicidade e leis naturais - parte vermelha do gráfico - compreendem o todo, e dentro destes ideais, estão as virtudes elencadas por Benjamin Franklin - parte verde do gráfico. E, por fim, nos preceitos das virtudes, enxerguei o *Almanaque do Bom Homem Ricardo* - parte lilás do gráfico.

Para tanto, busquei identificar aspectos de representações da cultura norte-americana no *Almanaque do Bom Homem Ricardo*. Ora, se o Almanaque está imbuído de preceitos e virtudes que Benjamin Franklin buscou almejar em sua vida, e se essas virtudes, elencadas por ele, estão ligadas aos princípios dos *philosophes* e da sociedade norte-americana do século XVIII, evidencio que no *Almanaque do Bom Homem Ricardo* estão presentes representações da cultura norte-americana. Sabendo que esse impresso circulou no Brasil, em escolas públicas e privadas e, nos espaços formais e não formais de educação, é possível constatar representações da cultura norte-americana no Brasil.

Quanto aos espaços formais e não formais de educação, Fávero (2007) afirma que:

O *não-formal* tem sido uma categoria utilizada com bastante frequência na área de educação para situar atividades e experiências diversas, distintas das atividades e experiências que ocorrem nas escolas, por sua vez classificadas como *formais* e muitas vezes a elas referidas (FÁVERO, 2007, p. 614).

Entre estes espaços classificados como não formais, evidencio as bibliotecas, os grupos protestantes, as casas das famílias, espaços estes em que houve circulação do Almanaque, utilizado também como uma forma de instrução, fora de um espaço formal de educação.

Por sua vez, o quadro a seguir demonstra como as virtudes listadas por Benjamin Franklin são associadas às ideias dos *philosophes* que caracterizaram a cultura norte-americana no século XVIII, afinal, este homem também foi um *philosophe* do referido século.

Quadro 1. Princípios da cultura norte-americana e virtudes elencadas por Benjamin Franklin

Princípios da cultura norte-americana	Virtudes elencadas na Autobiografia de Benjamin Franklin
Liberdade	Aplicação Frugalidade Sinceridade Justiça Humildade
Felicidade	Temperança Moderação Tranquilidade
Leis Naturais	Aplicação Frugalidade Sinceridade Justiça Humildade

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Diante da relação exposta no quadro apresentado, pode-se observar que algumas virtudes morais, almejadas por Benjamin Franklin, estão ligadas aos ideais dos *philosophes* norte-americanos do século XVIII. A *aplicação* e *frugalidade* são meios seguros de se obter riqueza e promover a virtude, já que ao adquiri-las, o indivíduo torna-se livre das dívidas, dos

credores e da pobreza, obtendo o poder sobre a sua liberdade, e facilitando a prática da *sinceridade*, da *justiça* e da *humildade*, as quais garantiram a confiança que Benjamin Franklin obteve do seu país de origem e os honrosos encargos que lhe foram confiados.

A *temperança* é uma maneira de levar a felicidade para quem conseguisse adquiri-la. De acordo com Franklin (2005, p. 116), “à *temperança* atribuo a boa saúde de que gozei sem interrupção, e o que ainda me resta de uma boa constituição”, condições essas que deixavam o indivíduo próspero. Também à felicidade, estão ligadas a *moderação* e a *tranquilidade*, já que através do hábito da virtude moderação, o indivíduo obtém cautela em relação aos ressentimentos pelas injúrias, e através da tranquilidade, mantém o equilíbrio diante dos obstáculos encontrados na vida, ambos favorecendo a felicidade comum da sociedade.

Em relação às leis naturais, elenquei as mesmas virtudes que relacionei com a liberdade, já que as principais leis da natureza são a igualdade e a liberdade do homem. Uma vez conhecida as leis naturais, os indivíduos reconhecem os direitos naturais - direito à vida, à liberdade e à propriedade - e devem respeitá-los através da razão.

No entanto, como pode ser encontrada a liberdade, a felicidade e as leis naturais no *Almanaque do Bom Homem Ricardo*? Ora, tais princípios foram relacionados às virtudes elencadas pelo autor da obra, as quais são ressaltadas nas narrativas dos capítulos do Almanaque. Segue um quadro identificando as virtudes almejadas por Benjamin Franklin, que foram elencadas em sua Autobiografia, encontradas na análise feitos conteúdos abordados nos capítulos do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*.

Quadro 2. Virtudes encontradas no *Almanaque do Bom Homem Ricardo*

Capítulos do <i>Almanaque do Bom Homem Ricardo</i>	Virtudes elencadas na Autobiografia de Benjamin Franklin
Plano para salvar mil libras	Frugalidade Temperança
Dicas necessárias pra aquele que seria rico	Frugalidade
Conselho para um jovem vendedor	Aplicação Frugalidade Justiça Sinceridade
A procura do tesouro escondido	Moderação
Observações sobre os selvagens da América do Norte	-
Uma petição da mão esquerda	Justiça
O assobio	Frugalidade
Diálogo entre Franklin e Gout	Ordem
A arte de aquisição de sonhos agradáveis	Ordem Temperança
O Efêmero: um emblema da Vida Humana	-
Para Senhorita Geogiana Shipley	-

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Percebe-se então a presença de algumas das virtudes elencadas por Benjamin Franklin no seu escrito aqui analisado. Desta forma, além de almejar adquirir o hábito de todas essas virtudes, Franklin difundiu-as entre a população, através do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, com o propósito de moldar o comportamento e o hábito da sociedade norte-americana.

O primeiro capítulo do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, intitulado “Planos para salvar mil libras”, é datado de 1756. Neste, Richard Saunders deu conselhos de como fazer para economizar dinheiro. Benjamin Franklin demonstrou, neste capítulo, uma das virtudes que ele elencou como imprescindível, que é a frugalidade. Supondo que metade das despesas seja com coisas supérfluas, Franklin elencou tópicos para “salvar” esta outra metade. Nos tópicos ele afirmou que antes de comprar novas roupas, deve-se observar bem as que você já possui e ver se não pode usá-las por mais tempo; se você bebe vinho ou chá duas vezes por dia, passe a beber apenas uma vez por dia, isto economizará dinheiro e durará mais tempo;

enfim, no final do ano sobriariam milhares de libras. Além disso, o autor alertou o leitor para que nunca excedesse a quantidade de bebida, situação a qual se aplica a virtude da temperança.

Com o título “Dicas necessárias para aquele que seria rico”, o segundo capítulo foi publicado no ano de 1736. Como o próprio nome sugere, no decorrer do texto foram citados conselhos e recomendações de como um cidadão pode se tornar rico, a exemplo da passagem: “Sim, para comprar, o melhor é pagar à vista, [...]. Os que pagam a prazo pagam o lucro do vendedor”. “A cada tostão poupado, são dois centavos salvos; um centavo de libra é um dia de um ano” (FRANKLIN, 1757, p. 40). A virtude ressaltada neste capítulo é a frugalidade, já que o autor afirmou que não se deveria desperdiçar futilmente uma libra no dia. Este impulso pelo dinheiro, no intuito de enriquecer, fazia parte, no contexto americano do século XVIII, da incessante busca pela felicidade nos países protestantes, tão ressaltada pelos *philosophes* daquela época e almejada pela burguesia.

O terceiro capítulo, “Conselho para um jovem vendedor”, foi escrito no ano de 1748. Benjamin Franklin encerrou este capítulo com o termo “um comerciante velho”, e neste escreveu dicas para o seu amigo, identificado por “A. B.”. Estas informações serviram para o autor e, possivelmente, para o amigo. Em algumas passagens deste texto, além da frugalidade, foi evidenciada a importância da virtude nomeada aplicação. Escritos como “Lembre-se de que tempo é dinheiro”, “Lembre-se de que crédito é dinheiro”, “Lembre-se de que o dinheiro é de natureza política”, “Cuidado ao pensar em suas posses e aceitar o crédito”, foram sugestões que ele deu ao leitor no decorrer do capítulo, mostrando a importância das virtudes que almejou seguir. A justiça foi enfatizada quando o autor afirmou que a pontualidade e a justiça nos negócios contribuem para a criação de um jovem no mundo. Benjamin Franklin finalizou com duas das virtudes morais, frugalidade e sinceridade:

Em suma, o caminho da riqueza é tão claro quanto o caminho do mercado, é só desejá-lo. Depende principalmente de duas palavras, indústria e frugalidade; isto é, não perder tempo nem dinheiro, e sim fazer o melhor com os dois. Sem indústria e frugalidade nada acontece, e com elas tudo. Aquele que recebe tudo que pode honestamente e guarda tudo que recebe (exceto despesas desnecessárias), certamente se tornará rico, se aquele que governa o mundo, a quem todos devem procurar uma bênção aos seus esforços honestos, não leva, em sua sábia providência (FRANKLIN, 1757, p. 45-46).

Intitulado “À procura do Tesouro Escondido”, o capítulo quatro é composto por uma série de ensaios de Benjamin Franklin. Neste, o autor narrou uma carta que recebeu, assinada

por *Titan Pleiades*. Na carta, o remetente escreveu ao General da Província da Pensilvânia, na época Benjamin Franklin, que ele não poderia ser ignorante, afirmando que havia grandes somas de dinheiro escondido no subsolo de vários lugares daquela cidade e em muitas partes do país. Após receber a carta, ele visitou um amigo, e este assegurou não haver ouro e nem prata na Província. Benjamin Franklin completa:

Este rumor antigo de escavação de dinheiro, através de uma crença de que piratas esconderam, foi, por muitos anos, acreditado entre nós; de modo que você não anda mais de um quilômetro pela cidade, sem ver vários poços escavados, e até alguns foram abertos recentemente. Homens sem bom senso foram atraídos para essa prática por um desejo arrogante de riqueza súbita e uma credulidade fácil do que eles estão ardentemente desejando ser verdade; enquanto os métodos mais racionais e certos de ficar rico são esquecidos (FRANKLIN, 1757, p. 56-57).

Nesta passagem, ficou evidente o ato de moderação defendido por Benjamin Franklin, o qual aconselhou que as pessoas evitassem os excessos, mantendo sempre o equilíbrio em suas atitudes. Ele concluiu o capítulo com as palavras de um amigo agricultor, Chester County, que deu ao filho uma boa plantação:

“Meu filho”, disse ele, “Eu te dou agora uma parcela valiosa de terra; garanto-te que encontrei uma boa quantidade de ouro cavando lá; você pode fazer o mesmo, mas deve observar atentamente, nunca cavar mais de um arado de profundidade” (FRANKLIN, 1757, p. 61).

O capítulo cinco, cujo título é “Observações sobre os selvagens da América do Norte”, apresentou inicialmente uma breve explicação do uso do termo *selvagens*. De acordo com o autor: “SELVAGENS nós os chamamos, pois seus costumes são diferentes dos nossos, que nós pensamos que a civilidade é perfeita e eles pensam o mesmo deles” (FRANKLIN, 1757, p. 62). Benjamin Franklin comparou o sistema de vida dele com o dos índios e trouxe no texto um exemplo claro que ocorreu no Tratado de Lancaster, na Pensilvânia, em 1774⁷, entre o governo da Virgínia e das seis nações indígenas. A proposta dada foi a seguinte,

⁷Neste capítulo e em alguns que sucedem, foi percebido que as publicações foram posteriores ao ano de publicação da obra que consta no prefácio, alguns capítulos são datados entre 1772 e 1780, o que possibilita pensar que o autor, Benjamin Franklin, complementou o *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, de 1757, com alguns textos, e publicou numa data posterior, não informada na obra que está sendo analisada nesta investigação.

Depois que o principal negócio é resolvido, os comissários da Virgínia familiarizam os índios com um discurso em uma faculdade de Williamsburg, com uma bolsa pra a educação da juventude indiana, e que se os chefes das seis nações descenderem meia dúzia de seus filhos para a faculdade, o governo cuidará para que eles sejam instruídos em toda a aprendizagem dos brancos (FRANKLIN, 1757, p. 64).

Em resposta, os índios disseram:

Estamos convencidos, portanto, que vocês só querem o nosso bem com essa proposta, e agradecemos de coração. Mas você, que é sábio, deve saber que diferentes nações têm diferentes concepções das coisas; e, portanto, não nos levem a mal se nossas ideias sobre esse tipo de educação não são as mesmas. Temos tido algumas experiências assim. Vários jovens nossos foram criados anteriormente nas Províncias do norte, eles foram instruídos em todas as suas ciências; mas quando eles voltaram para nós eles eram maus corredores, ignorantes sobre a floresta, incapazes de suportar o frio e a fome, nem sabiam construir uma cabana, pegar um veado, nem matar um inimigo, e falou nossa língua imperfeitamente; não serviram para caçadores, guerreiros nem conselheiros – eles não eram bons para nada. Estamos, no entanto, muito agradecidos pela sua oferta, embora não aceitamos; e para mostrar nosso sentimento de gratidão, se os senhores nos enviarem uma dúzia de seus filhos, vamos tomar muito cuidado com a sua educação, instruímos em tudo que sabemos e fazê-los homens (FRANKLIN, 1757, p. 65-67).

Apesar de Benjamin Franklin considerar os índios como “selvagens”, afirmar que eles “respeitavam aquela crença” e que sempre evitavam disputas, os índios não estavam imunes da guerra.

Antes e durante a Revolução, os índios jogaram um grupo de brancos contra o outro enquanto tentavam manter as suas próprias terras; depois, com a diminuição do poder das nações europeias adversárias, foram deixados praticamente por conta própria para enfrentar o avanço dos americanos brancos (RAPHAEL, 2006, p. 252).

Ainda compartilhando do pensamento do historiador Ray Raphael (2006), a Revolução Americana foi a maior guerra indígena da história do país.

Quando a Grã-Bretanha pediu paz, reconheceu a soberania dos Estados Unidos sobre a vasta região entre os Apalaches e o Mississippi, terra que ainda pertencia aos iroqueses e a outras nações indígenas. Os índios que tinham lutado do lado britânico sentiram-se enganados e abandonados. Enquanto isso, os americanos brancos sentiram-se no direito de povoar as terras que os índios ainda consideravam suas (RAPHAEL, 2006, p. 254).

Do ponto de vista dos índios, a Revolução foi uma guerra global, que envolveu todas as pessoas do mundo.

“Uma petição da mão esquerda”, o sexto capítulo do Almanaque, foi destinado aos Superintendentes da Educação. Este breve texto descreveu os preconceitos dos quais o autor foi vítima. Neste, percebe-se a virtude justiça, quando Benjamin Franklin narra que:

Desde a minha infância fui levado a considerar a minha irmã como um ser de grau mais elevado. Eu sofri ao crescer sem o mínimo de instrução, enquanto nada foi poupado na sua educação. Ela tinha mestres para ensinar a escrever, desenhar, aprender música e outras coisas; mas se eu tocasse um lápis, uma caneta ou agulha, eu era censurado; e mais de uma vez tenho sido espancado por ser estranho e quero uma forma graciosa. É verdade, minha irmã me leva com ela em algumas ocasiões; mas ela sempre fez questão de assumir a liderança, me convidando apenas por necessidade ou para figurar ao lado dela (FRANKLIN, 1757, p. 82).

E finalizou o capítulo com um pedido aos amigos de juventude, “Condescender, senhores, para fazer meus pais sensíveis da injustiça de uma ternura exclusiva e da necessidade de distribuir o seu carinho e afeto igualmente entre seus filhos” (FRANKLIN, 1757, p. 84), encerrando o capítulo com o termo “a mão esquerda”.

O sétimo capítulo é intitulado “O assobio”, cuja informação contida na nota de rodapé referente ao título, é de que o texto foi “escrito por Benjamin Franklin para o Senhor Brillon, em 10 de novembro de 1779, quando ele foi enviado à Corte da França” (FRANKLIN, 1757, p. 85). Ele relata que recebeu duas cartas, uma na quarta-feira e outra no sábado, e escreveu a resposta. Dizia estar encantado com a descrição que recebeu do paraíso e o plano de vida que fez lá, nesse caso, na França. Benjamin Franklin contou ainda uma história da sua infância. Neste capítulo são perceptíveis os preceitos da virtude frugalidade elencada por ele, evidenciando o ato de não desperdiçar. Em uma das passagens, ele relatou:

Quando eu era criança de sete anos de idade, meus amigos, em um feriado, encheram meu bolso com moedas de cobre. Eu fui diretamente para uma loja onde vendiam brinquedos de criança e sendo encantado com o som de um apito que eu reconheci no caminho nas mãos de outro garoto eu me ofereci voluntariamente e dei todo meu dinheiro. Então eu voltei para casa e passei assobiando por toda a casa, muito satisfeito com o meu apito, mas perturbando toda a família. Meus irmãos, irmãs e primos entendendo o que eu tinha feito me disseram que eu tinha pago quatro vezes mais pelo apito, me disseram as coisas boas que eu poderia ter comprado com o dinheiro e riram tanto de mim que eu chorei de vexame; e a reflexão me deu mais desgosto do que o apito me deu prazer (FRANKLIN, 1757, p. 87-88).

Benjamin Franklin apresentou diversos conselhos para as pessoas não pagarem demais pelo seu apito, e finalizou expondo a seguinte frase: “eu considero que grandes partes das misérias da humanidade são trazidas pelas falsas estimativas que fizeram do valor das coisas, e por pagar demais pelos seus apitos” (FRANKLIN, 1757, p. 90).

O capítulo oito, “Diálogo entre Franklin e Gout”, está datado de 22 de outubro de 1780. O diálogo entre Franklin e Gout, seu médico, transcorreu sobre a saúde de Benjamin Franklin, que constantemente o criticou pelas falas exaustivas, porém, de quem desejava ver o amigo bem e saudável. No diálogo, Franklin lamentou sobre o sofrimento vivido. O médico, por sua vez, o alertou para as coisas que ele fez durante a sua vida, como o ato de comer e beber em excesso e em horas impróprias. Além disso, o seu estado sedentário, já que ele passou parte da sua vida se detendo a leitura de inúmeros livros, impediu-o de pôr uma ordem na execução dos seus afazeres, destinando assim uma hora para cada tarefa. Franklin finalizou o discurso prometendo se exercitar diariamente a fim de manter-se saudável.

Intitulado “A arte de aquisição de sonhos agradáveis”, o nono capítulo versa sobre os sonhos, agradáveis ou doloridos, que as pessoas têm ao dormir. Enfatizou então a preservação da saúde do indivíduo, o qual deve ter uma ordem para as tarefas cotidianas, realizadas com uma boa alimentação, praticando a temperança, exercícios diários e dormindo ao ar livre, pois quanto mais desconforto, quando o corpo está inquieto, a mente será perturbada e haverá maior tendência de ter sonhos desagradáveis. Desta forma, foram elencados remédios preventivos e curativos, os quais o autor destaca: comer com moderação para poder transpirar melhor e usar roupas de cama mais finas.

“O Efêmero: um emblema da Vida Humana”, o décimo capítulo desta obra, foi escrito em 1778, destinado ao Senhor Brillon, da cidade de Passy. Neste, Benjamin Franklin relatou para o amigo que ao passar por um jardim, no qual eles costumavam passear, parou para escutar atenciosamente o discurso de pequenos mosquitos, que disputavam a todo tempo, como se fossem viver por mais um mês. Benjamin Franklin então expressou: “Pessoas felizes!”. Observando-os durante cerca de sete horas, ele pretendeu expressar para o amigo o quanto a vida era passageira, mencionando passagens como “Tenho visto as gerações nascerem, florescerem e expirarem” e “Arte é longa e a vida é curta”.

E por fim, o décimo primeiro capítulo, intitulado “Para Senhorita Georgiana Shipley”: com a perda do seu Esquilo Americano, que fugindo da sua gaiola, foi morto pelo cachorro de um pastor. Este texto foi escrito em Londres e datado de 26 de setembro de 1772. Benjamin Franklin registrou para a senhorita Georgiana, lamentando a morte do seu esquilo Mungo e,

além disso, lhe escreveu um epitáfio como homenagem. De acordo com Franklin, aquele esquilo era muito especial, pois possuía uma boa educação e poucos foram criados como ele.

Enfim, as passagens do Almanaque abordadas neste tópico, mostram como, através de uma escrita simples, Benjamin Franklin teve a intenção de transmitir ao leitor a importância de adquirir, como princípios de vida, as virtudes que foram almejadas por ele e representam o ideário de uma cultura norte-americana.

2.2 Mapeamento da Circulação do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* no Brasil

Na trajetória da pesquisa, busquei indícios da circulação do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* no território brasileiro. Como já citado anteriormente, esta obra circulou entre grupos de protestantes, uma vez que foi localizada uma versão na Coleção Folhetos Evangélicos, pertencente à biblioteca de Vicente Themudo Lessa, que, segundo Almeida (2013, p. 43), “foi o primeiro ministro presbiteriano brasileiro ordenado no século XX”. Vicente Themudo Lessa “tomou para si a missão de difundir saberes e práticas educacionais e religiosas que são refletidas nas páginas envelhecidas dos títulos que compõem a *Coleção Folhetos Evangélicos*”. Ora, se este presbiteriano difundiu saberes e práticas através dos textos que compõem a Coleção, e se entre os textos está presente o texto referente ao *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, “A Sciencia do Bom Homem Ricardo ou meios de fazer fortuna”, afirmo que este circulou entre os protestantes.

Ao me deparar com uma gama de papéis envelhecidos, no Arquivo Público do Estado de São Paulo, cruzei com alguns depoimentos em relatórios de professores e relatórios de instrução pública, bem como relatos e solicitações de livros para as escolas paulistas, públicas e privadas. Em um dos relatórios, destinado à Inspeção Geral da Instrução Pública de São Paulo, datado de 30 de janeiro de 1872 e escrito pelo presidente da Província, José Fernandes da Costa Pereira Junior, há um relato sobre a fundação de uma Biblioteca Popular em São Paulo, estabelecida pela Loja Maçônica, denominada América⁸. Esta biblioteca era composta de livros doados, tanto do Brasil, como dos Estados Unidos da América. As obras doadas eram as que possuíam maior circulação, e como o *Almanaque do Bom Homem Ricardo* foi um

⁸ Fundada em 9 de novembro de 1868, por um grupo de estudantes da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, todos abolicionistas, a Loja América existe até os dias de hoje. Tem por finalidade “levar a filosofia, a educação e a cultura maçônica a todos os homens, fazendo renascer em cada um os reais e sublimes valores, incentivando seus membros ao verdadeiro princípio da virtude, constituindo-se assim, como uma instituição essencialmente filosófica e solidária entre seus membros”. Disponível em <<http://www.america.mvu.com.br>> Acesso em: 18 de julho de 2013.

dos livros mais lidos na América do Norte, suponho que este, provavelmente, esteve presente nesta Biblioteca Popular. Logo, o Almanaque foi lido e circulado entre a população paulista.

Além destes indícios, alguns textos me deram subsídio acerca da circulação do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* nas escolas brasileiras, bibliotecas, bem como em escolas de outros países. Segue um quadro sobre essa circulação no Brasil, durante a segunda metade do século XIX.

Quadro 3. Mapeamento dos locais, ano e quantidade de exemplares de circulação do *Almanaque do Bom Homem Ricardo*

Nomenclatura	Local	Ano	Quantidade de exemplares
Sciencia do Bom Homem Ricardo	Vila de Cachoeira (atual Cachoeira do Sul) - RS	1858	20
Sciencias do Bom Homem Ricardo	Rio Grande do Sul	1859	281
Bom Homem Ricardo	Salvador - BA	1860	-
“A sciencia do bom homem Ricardo ou meios de fazer fortuna” ou “O Bom Homem Ricardo” – publicado no Livro do Povo	Maranhão	1861-1881	Mais de 40.000 ⁹
Bom Homem Ricardo	Bahia	1871	2.097

Fontes: ALMEIDA, Silvia Capanema P. de. A modernização do material e do pessoal da Marinha nas vésperas da revolta dos marujos de 1910: modelos e contradições. Revista **Brasileira de História Militar**, v. 03, p. 1-22, 2010. COSTA, Odaleia Alves. Índícios de circulação do "Livro do Povo" de Antonio Marques Rodrigues. In: **17º Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas: UNICAMP/FE, 2009, p. 1-9. TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. **História da Educação**. Pelotas, ASPHE, v. 6, n. 11, 2002, p. 25-51. TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Livros de Leitura nas aulas de primeiras letras no Rio Grande do Sul no século XIX. In: **V Congresso Brasileiro de Historia da Educação**. Aracaju/SE: Universidade Federal de Sergipe/Universidade Tiradentes, 2008, v. 1, p. 1-14.

Observando o quadro, vê-se que o maior número de exemplares foi localizado na Província do Maranhão, que foi considerada um difusor de impressos. Com isto, na segunda

⁹ De acordo com Odaleia Costa (2013, p. 92-93), “os livros publicados nas tipografias do Maranhão no século XIX circularam nas melhores livrarias do país. [...] o *Livro do Povo* foi comercializado por Francisco Tavares da Costa, que era proprietário de uma livraria em Maceió, Província de Alagoas, situada na Rua do Commercio, 72. No Pará, este mesmo livro foi comercializado por José Maria da Silva, proprietário da Livraria Comercial situada na Calçada do Collegio. Em Fortaleza, Província do Ceará, o livro foi vendido por Joaquim José de Oliveira, o mais antigo dono de livraria e iniciante desse ramo de comércio no Ceará. Nesta mesma província, esta obra foi vendida também no interior em Acaracu, hoje Acaraú, por Theofilo Ferreira. Em Pernambuco, cuja imprensa tipográfica, segundo o próprio Frias, se igualava à imprensa tipográfica do Maranhão, *O Livro do Povo* foi vendido por José Nogueira de Souza, editor entre os anos de 1889 e 1899, dos *Ensaio e estudos de filosofia e crítica* de Tobias Barreto. Também em Pernambuco, foi comercializado por Lailhacar, importante livraria pernambucana. Na mesma Província era possível encontrar *O Livro do Povo* nas prateleiras da Livraria de Manoel Figueroa de Faria, olindense, filho de portugueses, que abriu uma livraria em sua cidade natal, em meados de 1831. Da mesma forma, o *Livro do Povo* era encontrado na principal casa editorial brasileira – E. & H. Laemmert, no Rio de Janeiro, sede da Corte Imperial”.

metade do século XIX, o Norte do país concentrou a maior presença de editoras. O Maranhão foi uma das primeiras Províncias a ter uma tipografia, pelo fato de ser uma das mais prósperas do Império, devido à produção de algodão.

Nota-se, portanto, que a circulação dos textos referentes ao *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, de Benjamin Franklin, se expandiu por várias Províncias do Brasil e perdurou por mais de 20 anos, com uma quantidade de mais de 42.398 exemplares impressos, o que comprova a hipótese aqui elaborada, de que o *Almanaque do Bom Homem Ricardo* circulou, além de em grupos protestantes, em escolas brasileiras, na segunda metade do século XIX.

No texto intitulado *Livros de Leituras nas aulas de primeiras letras no Rio Grande do Sul no século XIX*, o autor Elomar Tambara (2008, p. 1) teve como objetivos “identificar e tipificar os textos de leitura utilizados nas escolas primárias na província de São Pedro do Rio Grande do Sul no século XIX. [...] e comprovar quais os compêndios de leitura se encontravam efetivamente nas aulas de primeiras [...]”. Tambara afirmou ainda que no final da década de 1850, a obra *A Ciência do Bom Homem Ricardo* de Benjamin Franklin, se tornou uma presença frequente até o final da década de 1880. O autor elencou também a “relação dos utensílios pertencentes à Escola pública de instrução primária da Villa de Cachoeira em 31 de dezembro de 1858”, e dentre os materiais, foram localizados “Vinte Compêndios da Sciencia do Homem Ricardo” (2008, p. 5). Vale destacar que o governo distribuía estes livros para os alunos “pobres” e o restante adquiria no mercado, aumentando assim a indústria editorial de livros no Brasil.

Em outro texto de Elomar Tambara, *Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil* (2002), ele afirma que a obra “*A Ciência do Bom Homem Ricardo* ou Aforismos domésticos para legítimos constitucionais” é um compêndio do “*Almanach do bom homem Ricardo*”, cuja publicação teve imediata circulação no mundo inteiro. “Somente na França, em menos de quatro anos foram comercializados mais de 40.000 exemplares” (TAMBARA, 2002, p. 40). Desta forma, segundo Robert Darnton (2005, p. 139), “[...] Franklin parecia estar em toda parte como ‘Le Bonhomme Richard’, a encarnação do bom senso e do homem comum, no almanaque de todo mundo [...]”. Essa afirmação mostra uma grande circulação também fora do Brasil, ressaltando a presença dos Estados Unidos da América na França.

Ainda na França, nas escolas camponesas, no final do século XVIII, segundo Roger Chartier (1990, p. 146), “o advogado Bernadau [...] quis introduzir na escola da aldeia, a leitura e a distribuição aos melhores alunos de obras úteis para o governo das famílias”. Para

isto, ele se esforçou “para adotar como livro de escola *La Science du Bonhomme Richard*” (1990, p. 154). É válido sustentar que quem tentou possibilitar a leitura do Almanaque entre os camponeses franceses foram os burgueses esclarecidos, que estavam empenhados no mundo da República das letras. Entre os burgueses, estava o advogado do Distrito de Bordeaux, Pierre Bernadau. De acordo com Roger Chartier (1990, p. 146) “[...] o homem das Luzes, [esteve] preocupado com o progresso doméstico e público”. Desta forma, penso que o *Almanaque do Bom Homem Ricardo*, de Franklin, provavelmente foi utilizado nas escolas camponesas francesas, com o objetivo de difundir princípios de como um sujeito “revolucionário” deveria conduzir a sua vida e a sua família. Porém, houve uma resistência para a adoção da obra, porque os párocos temiam que a difusão da leitura de alguns livros pudesse subverter a ordem entre as pessoas.

De acordo com Elomar Tambara, o *Bom Homem Ricardo*, era um texto de leitura de cunho “ideológico-moral”, o qual foi distribuído nas escolas públicas primárias, pelo governo provincial, na Província da Bahia, em 1871. Ainda na Bahia, segundo Silvia Capanema Almeida, em seu texto *A modernização do material e do pessoal da Marinha nas vésperas da revolta dos marujos de 1910: modelos e contradições* (2010), a autora afirma que nas escolas de aprendizes de Marinheiro de Salvador, no período de 1860, os alunos já “davam Bom Homem Ricardo”. Segundo a autora,

Bom Homem Ricardo era a cartilha adotada por diversas instituições de ensino da época e consistia na tradução de máximas de Benjamin Franklin com conselhos sobre como enriquecer. Esse manual não era por acaso adotado na formação de praças da Marinha: os textos curtos combatiam a ociosidade e a perda de tempo, indicando o caminho do trabalho em contraposição à vagabundagem, ao alcoolismo, ao jogo, ao desperdício com coisas mundanas (ALMEIDA, 2010, p. 17).

No estudo da pesquisadora Odaleia Alves da Costa (2009), *Indícios de circulação do “Livro do Povo” de Antonio Marques Rodrigues*¹⁰, o qual resultou na sua tese de doutorado intitulada “O Livro do Povo na expansão do ensino primário no Maranhão (1861-1881)” (2013). A autora levanta informações sobre o Livro do Povo, impresso no Maranhão, pela

¹⁰ Segundo Odaleia Alves da Costa (2009, p. 03), “O Sr. Dr. Antônio Marques Rodrigues é que veio abrir o caminho às grandes edições com seu inestimável Livro do povo. Criar no povo o gosto pela leitura, pela barateza do livro, era o pensamento do Dr. Marques Rodrigues. Para consegui-lo, era essencial que o tipógrafo o coadjuvasse, se não se expondo como ele a perder, pelo menos a ter o menor ganho que fosse possível”.

Tipografia do Frias¹¹ e com a primeira edição datada de 1861 com 4.000 exemplares. De acordo com o historiador Laurence Hallewell (1985),

Até então, nenhum livro maranhense ultrapassava mil exemplares, mas o autor do *Livro do Povo* era um filantropo que procurava baixar os preços, e estimular o hábito da leitura, encomendando grandes edições. A primeira edição, de 4.000 exemplares, foi vendida por apenas \$320. A quinta edição, consideravelmente ampliada (1865), tinha 110 ilustrações, mas, graças a uma tiragem de dez mil exemplares, ainda custou apenas \$500. No total, parece que foram impressos trinta ou quarenta mil exemplares [...] (HALLEWELL, 1985, p. 100).

O Livro do Povo consiste num livro didático, composto por diversos textos, abordando desde a questão religiosa a assuntos diversos ligados à moral; entre eles, “O Bom Homem Ricardo”, um dos títulos dado ao objeto de estudo desta investigação. Segundo a autora Odaleia Costa, “além do Maranhão, Piauí e Pará, ‘O Livro do Povo’ foi adotado na Província de Pernambuco, conforme relatório da Directoria Geral da Instrucção Publica [...]” (Costa, 2009, p. 4). Com a presença da obra nestas Províncias, observa-se que, no século XIX os centros de produção e circulação de livros estavam concentrados na região Norte do país. Além disso, o “Bom Homem Ricardo” é visto aqui como referência comum nestes locais.

Ainda sobre O Livro do Povo, segundo Maria Magalhães e Heloísa Rocha, no texto intitulado “*Indispensáveis em todos os lares!*” *Educação, saúde e ciência nas edições populares da primeira metade do século XX* (2009), tal livro “trata-se de uma obra com intenção de uma dupla circulação: o ambiente familiar e as escolas primárias. Dos dez mil exemplares, em duas edições, 5.200 foram distribuídos nas escolas” (2009, p. 09). A grande tiragem de exemplares impressos nos revela o quanto esta obra foi difundida no território do Brasil, deixando um legado da sua importância para a sociedade brasileira.

Já no texto publicado na *Revista Angolana de Sociologia*, intitulado *Alguma bibliografia política em Angola no século XIX*, o autor Francisco Soares faz menção a livros envolvendo pensamento político, ético e de moral, que circularam no século XIX, na zona de Recife-Olinda e em Luanda ou Benguela. O autor cita:

As inúmeras obras ligadas ao Direito desenham arcos de valores diversos, como disse. Em grande parte se devem ao funcionamento do Curso Jurídico

¹¹ A tipografia pertenceu, inicialmente, ao proprietário Joaquim Correia Marques da Cunha Torres, porém, não sendo um impressor experiente, contratou José Maria Correia Costa Frias para ser gerente. No ano de 1857, com o falecimento do proprietário, José Maria Frias ficou com a tipografia, sendo nomeada “Tipografia do Frias”, a qual ganhou destaque com uma das primeiras realizações de Frias, que foi a primeira edição do *Livro do Povo*, de Antônio Marques Rodrigues.

em Olinda (transferido para o Recife em Novembro de 1854 [Fonseca 1959: 11]), mas, ainda assim, fazem parte de leituras memorizadas. Não cito nem comento os manuais todos nem os livros todos, ao longo da pesquisa os fui anotando até me aperceber do seu pouco significado ao lê-los, ou da impossibilidade de os ler a todos, o que tinha a mesma consequência prática. Interessam-me, sim, as relações entre o Direito, a Filosofia política, a moral e a teologia, entre outras disciplinas. De alguma forma, o Curso Jurídico atraiu também os “melhores escritos de Benjamin Franklin”, juntamente com uma edição em língua portuguesa do “bom homem Ricardo”. (SOARES, 2009, p. 133).

Sobre o “Bom homem Ricardo”, o autor Francisco Soares (2009) traz como referência a circulação da obra *A sciencia do bom homem Ricardo ou meios de fazer fortuna*, publicada em Lisboa, em 1825. Desta forma, este escrito circulou também no Curso Jurídico em Olinda, em meados do século XIX.

Na obra escrita pela pesquisadora Clarice Nunes, intitulada *Anísio Teixeira e os desafios da educação contemporânea* (2010), a autora realiza uma reflexão acerca da vida e obra de Anísio Teixeira, o principal idealizador das grandes mudanças na educação brasileira na década de 20, difusor dos pressupostos do movimento da Escola Nova e pioneiro na implantação de escolas públicas de todos os níveis. No texto, a autora afirma que na trajetória de Anísio, ele deparou-se com a pobreza de recursos materiais e humanos, a dispersão e a desarticulação dos serviços educativos, o despreparo do professor, a imoralidade, a corrupção e a acomodação dos poderes públicos. A autora afirma que:

As poucas escolas em funcionamento estavam concentradas em Salvador, localizadas em antigas residências, muitas em ruínas. Era generalizado o costume de o professor custear, com seus próprios recursos, o aluguel da sala ou do prédio em que instalava as “cadeiras”. O governo não oferecia mobiliário escolar, nem o professor a adquiria. Cabia ao aluno fornecer cadeiras e mesas improvisadas com barricas, caixotes, pequenos bancos de tábua, tripeças estreitas e mal equilibradas, cadeiras encouradas ou tecidas a junco. Anísio chegou a presenciar que era comum os estudantes escreverem no chão, estirados de bruços sobre papéis de jornal ou, então, fazerem seus exercícios de joelhos, ao redor de bancos ou à volta das cadeiras. Faltava material didático, particularmente livros. Excepcionalmente, era possível encontrar ainda, no sertão baiano, o *Almanaque do bom homem Ricardo*, de Benjamin Franklin, que, traduzido para o português, serviu como manual de leitura da escola primária no interior do país desde a segunda metade do século XIX e instruiu baianos ilustres como Afrânio Peixoto (NUNES, 2010, p. 17).

Desta maneira, pode-se observar que mesmo naquele cenário, com péssimas estruturas e falta de livros didáticos nas escolas, pode-se notar a presença do *Almanaque do bom Homem*

Ricardo circulando como material de leitura da escola primária do sertão baiano, durante quase meio século.

Enfim, através das práticas educacionais que foram evidenciadas neste manual de instruções – o *Almanaque do bom Homem Ricardo* – foram postos em circulação, no território brasileiro, aspectos de representações da cultura norte-americana. Assim, finalizo este capítulo, apresentando ao leitor algumas contribuições e importância da presença de ideais almejados pela população norte-americana, sendo difundidos no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta investigação busquei analisar aspectos de representações da cultura norte-americana no território brasileiro, através da análise do livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo* (1757), de autoria de Benjamin Franklin. Para isto, procurei compreender a atuação de Benjamin Franklin no contexto americano oitocentista; examinar os aspectos materiais do livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo*; analisar representações da cultura norte-americana a partir do *Almanaque do Bom Homem Ricardo* e, verificar as práticas educacionais presentes no livro de Benjamin Franklin que circularam em espaços formais e não formais de Educação.

Tratar de representações de uma cultura foi o que moveu o desenvolvimento deste texto. Baseada nos estudos de Roger Chartier, tentei enxergar no *Almanaque* como o modo de vida, de pensar e de agir de Benjamin Franklin influenciaram a sua escrita. Tracei a hipótese de que a obra analisada circulou entre grupos protestantes e em escolas brasileiras na segunda metade do século XIX. Comprovada a hipótese, através da localização de exemplares do texto e o mapeamento da circulação deste, evidencio a presença de representações da cultura norte-americana no Brasil.

Não pretendo definir e nem restringir uma única cultura norte-americana, pois como foi dito no decorrer do texto, esta é construída e passa por constantes transformações. Considero os Estados Unidos da América uma nação multicultural, pela variedade de etnias, tradições e valores. A cultura abordada nesta pesquisa é a de um público específico, o da elite, dos *philosophes* do século XVIII.

Através da narrativa aqui desenvolvida, ratifico como os princípios dos homens norte-americanos ganharam, no Brasil, a representação de práticas educacionais, através da obra analisada nesta pesquisa, o *Almanaque do Bom Homem Ricardo*. As representações da cultura norte-americana estão presentes no livro através de passagens que contém as virtudes almejadas pelo seu autor. Tais virtudes estão diretamente ligadas aos princípios dos *philosophes*. Com vistas nisto, é possível presumir que a circulação da obra de Benjamin Franklin buscou disseminar uma representação do homem republicano e fazer circular em outros espaços aspectos da cultura norte-americana, procurando legitimar a existência desta cultura. Destarte, este objeto de pesquisa é considerado um objeto cultural.

Como uma obra é produzida por alguém, o autor, julguei de extrema importância registrar o papel deste ao escrevê-la, bem como fazer um breve esboço biográfico, a fim

entender como as experiências de vida de Benjamin Franklin interferiram e influenciaram em sua escrita. Dentre tantos feitos, Franklin estabeleceu a Universidade da Pensilvânia, fundou um hospital na Filadélfia, inventou o para-raios, bem como descobriu diversos feitos sobre a eletricidade. Também participou da Revolução Norte-Americana, contribuindo de forma significativa para a nação. Por fim, e não menos importante, escreveu um *best seller*, o livro *Almanaque do Bom Homem Ricardo*. Considero-o *best seller* pela sua popularidade e grande tiragem de exemplares impressos e adquiridos pela população.

O Almanaque, um livro de bolso, impresso em inglês e elaborado a mais de dois séculos, era uma forma popular de literatura, que continha diversos conhecimentos. Ele perdurou por muitos anos entre as populações norte-americana, francesa, brasileira, entre outras, obtendo importância para a população, transformando seus hábitos e valores. Dividido em 11 capítulos, com assuntos que tratam sobre a frugalidade, como tornar-se rico, ter uma vida saudável, seguir ordens pré-estabelecidas, ser uma pessoa sincera e justa, esta obra teve muito a contribuir para a sociedade em que circulou. Desta forma, o seu autor, Benjamin Franklin, contribuiu para a difusão desses saberes e práticas educacionais.

Através do mapeamento realizado, identifiquei mais de 20 anos de circulação do Almanaque no Brasil, de 1858 a 1881, com uma quantidade de mais de 42.398 exemplares impressos, circulado sem espaços formais, escolas públicas e privadas, nos variados níveis de ensino, e em espaços não formais de educação, como bibliotecas, grupos protestantes e casas. Assim, pode-se perceber o quanto essa forma popular de literatura se propagou. Além disso, a grande tiragem de exemplares impressos e postos em circulação nos revela o quanto esta obra foi difundida no território do Brasil, deixando um legado da sua importância para a sociedade brasileira.

Falar sobre impressos é reportar-se às várias formas materiais, observando e analisando, dentre outros fatores, o suporte e as mensagens contidas, e não apenas adentrando no mundo do texto, mas também do leitor. Não existe história sem documentos, portanto, as fontes escritas são documentos importantes para o historiador. Analisar o impresso *Almanaque do Bom Homem Ricardo* e entendê-lo como objeto e fonte de pesquisa, torna-se tarefa indispensável para o pesquisador em História da Educação. Pesquisas como esta visam contribuir para a historiografia educacional brasileira, em virtude da necessidade de aumentarmos a quantidade de estudos sobre impressos, livros e leitores.

Almejei, com esta dissertação, levar algumas considerações ao público leitor acerca de um objeto de estudo inédito na História da Educação Brasileira. E, por assim ser, estudos desta obra têm, ainda, muito a contribuir no campo historiográfico educacional. Investigações

a respeito da História da Leitura, adentrando na circulação deste material e a análise da sua apropriação, são sugestões que trarão novas e importantes contribuições para os pesquisadores, historiadores e interessados sobre esta temática. E é nesta área que eu pretendo enveredar.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Priscila Silva Mazêo. **O missionário e intelectual da educação Robert Reid Kalley (1855-1876)**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2012. (Dissertação – Mestrado em Educação).
- ALMEIDA, Mirianne Santos de. **Livros e Leitores: saberes e práticas educacionais e religiosas na *Coleção Folhetos Evangélicos* (1860-1938)**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2013. (Dissertação – Mestrado em Educação).
- ALMEIDA, Mirianne Santos; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Nota prévia acerca da circulação de impressos no Brasil: a *Coleção Folhetos Evangélicos*. **Revista Leitura. Teoria & Prática**, v. 58, p. 74-79, 2012.
- ALMEIDA, Silvia Capanema P. de. A modernização do material e do pessoal da Marinha nas vésperas da revolta dos marujos de 1910: modelos e contradições. **Revista Brasileira de História Militar**, v. 3, p. 1-22, 2010.
- AMORIM, Rone. Benjamin Franklin – o pai de uma nação, 1950. In: FRANKLIN, Benjamin. **Autobiografia**. Tradução Sarmento de Beires e José Duarte. São Paulo: Coleção A Obra Prima de Cada Autor, 2005, p. 11-16.
- BERTINATTI, Nicole. **A Escola Dominical Presbiteriana como divulgadora de saberes e práticas pedagógicas religiosas (1909-1928)**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2011. (Dissertação – Mestrado em Educação).
- BITTENCOURT, Cerci Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.
- BITTENCOURT, Cerci Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BLIVEN, Bruce. Dados biográficos. In: FRANKLIN, Benjamin. **Autobiografia**; tradução Sarmento de Beires e José Duarte. São Paulo: Coleção a obra prima de cada autor, 2005, p. 203-210.
- BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKI, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 203-233.
- BOTO, Carlota. **A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. São Paulo: UNESP, 1996.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- COSTA, Odaleia Alves. Índícios de circulação do "Livro do Povo" de Antonio Marques Rodrigues. In: **17º Congresso de Leitura do Brasil**. Campinas: UNICAMP/FE, 2009, p. 1-9.

COSTA, Odaleia Alves da. **O Livro do Povo na expansão do ensino primário no Maranhão (1861-1881)**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. (Tese – Doutorado em Educação).

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**: mídia, cultura e revolução. Trad. Denise Buttmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington**: um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**. Passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FÁVERO, Osmar. **Educação não-formal**: contextos, percursos e sujeitos. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 99, p. 614-617, maio/ago. 2007. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A constituição dos sistemas públicos de ensino no mundo ocidental. In: **Coleção Veredas**: formação superior de professores. Guia de estudo. Módulo 3, vol. 1. Belo Horizonte: SEE, 2002, p. 127-131.

FRANKLIN, Benjamin. **Autobiografia**; tradução Sarmiento de Beires e José Duarte. São Paulo: Coleção a obra prima de cada autor, 2005.

FRANKLIN, Benjamin. **Poor Richard's Almanac**. Philadelphia: DAVID McKAY COMPANY, Wahington Square, 1757.

FRANKLIN, Benjamin. **A sciencia do bom homem Ricardo ou meios de fazer fortuna**. Lisboa: Typ. Soc. Propagadora dos Conhecimentos Uteis, 1825.

FRANKLIN, Benjamin. **A sciencia do bom homem Ricardo ou meios de fazer fortuna**. Rio de Janeiro, s/d.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. A produção dos estudos biográficos em Sergipe e as principais contribuições para a História da Educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006, p. 146-155.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. Chaves do Mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes. Torino: Einaudi, 1979. In: ECO, U e SEBEOK, T. A. (orgs.). **O signo de três**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. Tradução: Maria da Penha Villalobos e Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1985.

HIMMELFARB, Gertrude. **Os caminhos para a modernidade: os iluminismos britânico, francês e americano**. Tradução de Gabriel Ferreira da Silva. São Paulo: É Realizações, 2011.

KIDDER, Daniel P.; FLETCHER, J. C. **O Brasil e os brasileiros** (esboço histórico e descritivo). São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.

LINEBAUGH, Peter. Todas as montanhas atlânticas estremeceram. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH; Editora Marco Zero, ano 3, nº 6, setembro de 1983. p.7-46.

LAJOLO, Marisa. **Livro didático: um (quase) manual de usuário**. Em aberto, nº 69, ano 16. 1996, p. 3-9.

LOCKE, John. **Ensaio acerca do entendimento humano**. Tradução: Anuar Aiex. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

MAGALHÃES, Maria das Graças Sandi; ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. "Indispensáveis em todos os lares!" Educação, saúde e ciência nas edições populares da primeira metade do século XX. In: **Anais do II Seminário Brasileiro Livro e História Editorial**, Rio de Janeiro e Niterói, 2009, p. 1-14.

MATOS, Alderi de Souza. "O protestantismo norte-americano: séculos 17 a 19". **Curso Estudos Avançados em Teologia Histórica**. São Paulo: Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, 2003.

MILCENT, Paul Fernand. **Benjamin Franklin para professores**. Curitiba: Edição do Autor, v. 1, 2007.

MOURÃO, Arminda Rachel Botelho (Orgs). **Educação, culturas e diversidades**. Manaus: Edua, 2011, v. 1, p. 233-262.

MUNAKATA, Kazumi. Livro didático: produção e leituras. In: ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 577-494.

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997. (Tese - Doutorado em História e Filosofia da Educação).

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Considerações iniciais acerca da palavra impressa e as práticas religiosas e educacionais protestantes no século XIX. In: **Revista do Mestrado em Educação**, São Cristóvão, UFS/NPGED, v. 4, 2002, p. 67-85.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Brasil, Portugal e Inglaterra: circulação de impressos protestantes e outros impressos educacionais durante a segunda metade dos Oitocentos**. Projeto de Pesquisa. Aracaju: CNPQ/Unit/PPED, 2006.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Imprensa protestante nos Oitocentos**. Projeto de Pesquisa. Aracaju: Unit/PPED, 2007a.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. **Educar, curar, salvar**. Uma ilha de civilização no Brasil tropical. Maceió: EDUFAL; Aracaju: UNIT, 2007b.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Associações Voluntárias, missões protestantes e a História da Educação. In: **32ª Reunião Anual da ANPED - Sociedade, cultura e educação: novas regulações?**. Caxambu, Rio de Janeiro: ANPED, 2009, v. 1, p. 1-13.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Brasil e Portugal: Associações voluntárias e impressos protestantes. In: NASCIMENTO, Aristonildo Chagas Araújo;

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Livros, leitores e práticas culturais no Instituto Ponte Nova. In: César Augusto Castro, Cláudia Engler Cury. (Orgs.). **Objetos, práticas e sujeitos escolares no Norte Nordeste**. São Luís: EDUFMA, 2011a, v. 2, p. 121-141.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A cultura ocultada ou a influência alemã na cultura brasileira durante a segunda metade do século XIX**. Londrina: UEL, 1999.

NUNES, Zilda Clarice Rosa Martins. **Anísio Teixeira e os desafios da educação contemporânea**. Recife: Massangana, 2010.

PARK, Margareth Brandini. **Histórias e leituras de almanaques no Brasil**. São Paulo: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.

PEREIRA JUNIOR, José Fernandes da Costa. **Inspeção Geral da Instrução Pública de São Paulo**. Arquivo Público do Estado de São Paulo: São Paulo; 1872. nº 64.

RAPHAEL, Ray. **Mitos sobre a fundação dos Estados Unidos**: a verdadeira história da independência norte-americana. Tradução de Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da educação**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ROUSSEAU, Jean Jaques. **Do contrato social**. Tradução Ronaldo Roque da Silva. [S.l]: Edição Ridendo Castigat Mores, 2002.

SALES, Tâmara Regina Reis; ALMEIDA, Mirianne Santos de; BONFIM, Ellen de Souza. Benjamin Franklin: inventor e escritor, um intelectual? In: **V CIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica**. Porto Alegre, São Leopoldo: Casa Leiria, 2012, p. 01-11.

SALES, Tâmara Regina Reis; ALMEIDA, Mirianne Santos de; NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. Almanaque do Pobre Ricardo: o impresso como objeto e fonte de pesquisa. In: **VI Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade**. São Cristóvão: UFS, 2012, p. 1-13.

SANCHES, Ana Maria Brito. **Virtude, trabalho e riqueza.** A concepção de sociedade civil em Benjamin Franklin. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006. (Dissertação de Mestrado em Filosofia).

SANTOS, Vera Maria dos. **A Geografia e os seus livros didáticos sobre Sergipe:** do século XIX ao século XX. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2004. (Dissertação – Mestrado em Educação).

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (Org.) **Por uma história política.** Rio de Janeiro: UFRJ, Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 231-269.

SOARES, Marcos César de Paula. **Sob o signo da liberdade.** Caderno Entre livros: Panorama da Literatura Americana, Duetto Editorial - São Paulo, p. 6-11, 1º jul. 2007.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Trajetórias e natureza do livro didático nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. **História da Educação.** Pelotas, ASPHE, v. 6, n. 11, 2002, p. 25-51.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Livros de leitura nas escolas de ensino primário no século XIX no Brasil. In: **26ª Reunião Anual da ANPEd:** Novo Governo. Novas Políticas? Poços de Caldas: Minas Gerais, 2003, p. 1-16.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Livros de Leitura nas aulas de primeiras letras no Rio Grande do Sul no século XIX. In: **V Congresso Brasileiro de História da Educação.** Aracaju/SE: Universidade Federal de Sergipe/Universidade Tiradentes, 2008, v. 1, p. 1-14.

THOMPSON, Edward Palmer. **A miséria da teoria ou um planetário de erros:** uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

TOCQUEVILLE, Alexis de. **A democracia na América:** sentimentos e opiniões: de uma profusão de sentimentos e opiniões que o estado social democrático fez nascer entre os americanos. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VASCONCELOS, Micheline Reinaux de. **As Boas Novas pela palavra impressa:** impressos e imprensa protestante no Brasil (1837-1930). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010. (Tese - Doutorado em História).

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** 2. ed., rev. São Paulo: Pioneira, 2001.

WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia.** Rio de Janeiro: LTC, 2002.